



PARLAPAT & ES

Clipping



CLIPPLING

Articles from newspapers and magazines from the repertoire of recent plays about the Parlapatões.



Teatro. Reestrcia



SHAKESPEARE IRREVERENTE

Aniversário. Grupo de palhaços completa 20 anos

Maria Eugênia de Meneses

Peças de William Shakespeare. Condensadas e entregadas todas, de uma só vez, a uma tripe de palhaços. A ideia não parece entusiasmada. Mas não é certo. Muito certo.

Foi em esse momento magnanimos que os Parlapões assumiram o seu primeiro grande sucesso: PPP@WilmShkspr.Br. A peça, que entrou em cartaz em 1990, garantiu ao grupo produção nacional, Abeto portas. E, agora, quando o espetáculo completa 20 anos, volta ao repertório de tanto tempo.

Com novos figurinos e cenários, o espetáculo também teve mudanças no elenco original. Primeiro com Hugo Passini e Saul Barreto, no lugar de Paulo de Almeida. E, na primeira montagem, seria interpretado por Almeida e Bambá. Em 1990, quase 200 e somente permaneceu mantendo "Atentivos e a conexão", revela Hugo Passini. "Referências figurais, adições e exclusões sob a mesma concepção, apenas porque a idade, parte da memória não resistiu ao tempo."

A época de sua estreia, PPP@WilmShkspr.Br chamou muita atenção por conseguir reunir novelas de diferentes gerações e exibi-las no mesmo espetáculo.

Entre os palhaços americanos Adam Long, Ezra Ripstein e Hillel Singer, o texto da peça "The Comedy Works/WilmShkspr.Br" é adaptado, distanciando-se da habitual reverência com a



Parlapatões retomam o sucesso PPP@WilmShkspr.Br

quebra de hábito costumeira tratada. Assim, foi traduzido por Barbara Belladora, uma das mais respeitadas tradutoras de Shakespeare no País. Também de volta para o palco o texto de Emilia Di Biasi, sob o nome de "Palhaços em suas próprias palavras".

"Queríamos ter várias diferenças de texto, mas acabamos a mesma instrução poética de fazer: ter garantido alguma referência", lembra Passini. "Isso não veio de tal forma que o texto pareça ser confusão, se tornou um processo profundo de descoberta de que os métodos de interpretação tinham a sua própria. Todos diminuí-

mos nossos preconceitos e criamos artisticamente."

De acordo com o parlapatão, a montagem da peça também surge como homenagem a Di Biasi. Em 2010, o encenador completa 20 anos de carreira.

Risa trágica. Curiosamente, não é nas comédias de Shakespeare que o espetáculo encontra a forma primordial para provocar o riso no público. Cabe as tragédias garantir o brilho e os momentos acidentados cômicos do texto de Shakespeare. Disputas de poder tornam-se partidas de futebol. Versos de Ovídio transformam-se em repentes de rap. Ri-

mos e fúria tem lugar de destaque nesse espetáculo. Depois, fora parte do acervo do espetáculo. Mostra-se uma sociedade do século de jovens apátridas, aproximando os dois figuras de Grande Ovídio Ovídio. Hoje, também tem seu próprio espaço.

As figuras do príncipe de Dinamarca são mostradas em formato condensado, até mesmo, de sua própria frente.

A peça original já chegou ao País com a chance de sucesso. Foi muito bem recebida tanto em Londres quanto em Nova York. Aqui, porém, essa síntese dos tempos shakespearianos ganhou sabor próprio. Na leitura dos Parlapatões não foram palavras, versos e ataques oratórios. Além de um humor rasgado,

sem prurido de sobriedade, que o grupo tenta de sua experiência com o teatro de rua.

"Não por acaso, todos os personagens em formato de esquete de rua, foi incluído no Brasil. PPP@WilmShkspr.Br corrigiu um charme moral sobre os aspectos de realidade nacional. Na nova leitura, atualizamos as algumas partes. Referências, por exemplo, a novelas e programas televisivos cobrados no fim dos anos 1990 foram substituídos."

É curioso dos Parlapatões manter muitos de suas produções no repertório. De acordo com Passini, o grupo tem lugar de destaque que não apresentados em diversos Estados. Também a iniciativa de retomar uma produção antiga já é hábito do grupo, que fez isso com montagens como "Nardápolis". "Todo artista tem sua vida", diz o ator. "Na maioria, a maioria regravar. No teatro, há muitos desperdício, pois as temporadas são cada vez mais curtas e não oferecem um público que poderia."

ENTREVISTA

Hugo Passini
ATOR E DIRETOR

"NÃO NOS COBRAMOS INEDITISMO"

A remontagem aparece no contexto dos 20 anos do grupo. Como é receber essa expectativa depois de tanto tempo?

Faz parte da vida do grupo estabelecer um olhar sobre nosso tempo repertório. A cada vez, sentimos tanto que podemos renovar a obra quanto a sua própria renovação. Sabemos que temos de nos arrastar para renovar a obra para que a obra volte a ter a mesma vitalidade. Se fosse uma renovação acomodada, imposta, certamente não a fazíamos.

O Emilio Di Biasi é um diretor que tem um estilo muito diverso dos Parlapatões. Como foi o encontro de vocês?

Emílio é um dos grandes mestres do teatro brasileiro e foi um privilégio e uma honra ter trabalhado com ele. Reforçar esta montagem e a nossa própria contribuição para a montagem foi por isso que representa para os artesãos brasileiros.

Por que voltar a uma peça e não criar uma nova?

Um grupo de teatro se sente também pela possibilidade de manter um repertório. Não nos cobramos variações novas para não cair na linha de imitação. Somos um grupo produzindo, com mais de uma montagem por ano, e também realizamos ações que revelam nossa missão educativa, como O Pior de São Paulo. Esse não é um e em várias direções propostivamente, para não ficarmos presos apenas às expectativas externas. (M.B.N.)

OUTRAS REMONTAGENS



As Nuvens e/ou Um Deus Chamado Dinheiro. Obra de 2003 foi retomada em 2010



Sardanápalo. Em 2001, o grupo retomou a peça de 1863. Mudou o diretor e partes do texto



O Pior de São Paulo. A criação de 2007 voltou ao repertório depois de ser retomada em 2012

ppp@WilmShkspr.br: Um ponto alto do festival

Uma estudada brincadeira com a obra de Shakespeare

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

CURITIBA. O "ppp@WilmShkspr.br" que estrou no festival, versão brasileira do "Shakespeare compactado", que apresenta a obra completa do Bardo em menos de duas horas, pertence a uma tradição anglo-saxônica de se fazer graça com o que se ama: para criar seu texto, os americanos Jess Borgeron, Adam Long e Daniel Singer tinham que atender a duas exigências básicas: gostar muito da obra de Shakespeare e combê-la ainda mais. Já que brincar com ele não é não amá-lo, e para brincar com inteligência era indispensável um total à-vontade com todos os aspectos de seus textos.

Os Parlapatões, Patifes & Paspalhões fizeram seu nome com teatro de rua e encontraram nesta brincadeira a criação de obras inéditas, revelando-se o instrumento justo para o que Emilio Di Biasi queria e imaginara para o "Shakespeare compactado" — texto apresentado em Londres pela Reduced Shakespeare Company — ou seja, uma espécie de acesso de loucura carinhosa em torno da figura que tanta gente esquece ter sido antes de mais nada um

autor popular; do mesmo modo que, quando escrevia, Shakespeare buscava todo tipo de público; este espetáculo também tem a preocupação de chegar a todos, começando ou não as peças incluídas no texto.

Intenção dos textos do Bardo é preservada

Uma cronografia simples mas sugestiva, uma scenoplastia imaginativa, uma luz ágil, tudo de autoria do próprio grupo, e ótimos figurinos de Adriana Vaz Ramos, tudo voltado para o clima do texto, aguçam a direção de Emilio Di Biasi, que aproveita o talento de seu trio de atores mas impõe os limites necessários para que o todo fique harmônico, e dentro daquela loucura toda mantém leituras pesas à intenção do poeta em trechos citados.

Alexandre Roit, Hugo Possolo e Raul Barreto atuam-se como três inocos na criação do espetáculo, mas como no caso de Hamlet, há método em sua humor. Todos conseguem atingir uma incrível empatia com a plateia, que reage com entusiasmo e divertiu-se quando os acontecimentos passam a envolver a também. É obviamente um ponto alto do Festival de Curitiba. ■



OS ATORES RAUL Barreto (à esquerda), Alexandre Roit e Hugo Possolo em "ppp@WilmShkspr.br": sucesso de público

ppp@WilmShkspr.br: Grupo Parlapatões faz bem-sucedida mistura de humor dos autores americanos com a tradição cênica brasileira

Shakespeare em clima de chanchada e teatro de rua

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

Via de regra, só se admite que o riso seja inteligente em comédias de alta sofisticação e, geralmente, pouca ação. Por outro lado, poder na verdade brincar com os textos de William Shakespeare requer um vasto conhecimento da obra: pois os americanos Jess Borgeron, Adam Long e Daniel Singer, graças à competên-

cia no segundo item, provaram que o primeiro é um engano, e conseguiram ser inteligentes em uma hilariante (e atômica) compactação das 37 obras do bardo para um espetáculo de cerca de uma hora e meia.

Homenagem a Grande Otelo é um dos destaques da peça

Em "ppp@WilmShkspr.br", o trio paulista Parlapatões, Patifes & Paspalhões conseguiu, com di-

reção de Emilio Di Biasi, além do mais aproveitar o humor criado em torno do poeta, incluindo na montagem recursos de linguagem brasileira: Alexandre Roit, Hugo Possolo e Raul Barreto, com larga experiência e muito sucesso em teatro popular, usam recursos perfeitamente brasileiros enquanto aproveitam o que os americanos fizeram de divertido com peças (e sonetos) do bardo.

Nesse aproveitamento de lin-

guagens nacionais é claro que tem um destaque todo especial a Julieta de Hugo Possolo clonando a "clássica" interpretação de Grande Otelo, enquanto seria possível inventar loucura mais divertida do que o banquete de material cênico usado para "as comédias"; mas ficam longe de serem só essas as provas de inventividade do diretor e do trio de atores.

Não é muito provável que al-

guém pudesse prever que fosse tão bem-sucedida a mistura do brilhante humor dos três criadores originais de "ppp@WilmShkspr.br" com a melhor tradição brasileira de rua, teatro de revista (e de outros tempos, já desaparecido) e o mais puro estilo da melhor chanchada. Mas quem quiser ver o resultado dessa improvável receita, e se divertir muito, pode ir ao teatro da Casa de Cultura Laura Alvim. ■

ilustrada

TEATRO
Roberto Alvim e
Caco Ciocler se
encontram em
'A Construção'

Pág. E3

SHOW
Músico Bruno
Mars se destaca
no Summer
Soul Festival

Pág. E4

Companhias teatrais seus reeditam sucessos

Parlapatões satirizam Shakespeare e Núcleo Bartolomeu relança peça inspirada em Melville

GABRIELA MELLÃO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Peças que projetaram dois importantes grupos da cena teatral do país são remontadas nesta semana.

Os Parlapatões reencenam "PPP@WlShkSpr.Br" (1998), e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos retoma o espetáculo "Bartolomeu, que Será que Nele Deu?" (2000).

Além de celebrarem 20 anos, os Parlapatões prestam homenagem ao diretor da peça, Emílio de Blasi, que completa 50 anos de carreira.

PPP@WlShkSpr.Br transforma em sátira a obra

completa de William Shakespeare (1564-1616). Condensa, em 90 minutos, os 37 textos teatrais do bardo britânico — com o aval de Barbara Heliodora, especialista na obra do autor e tradutora do texto.

"Romeu e Julieta" e "Hamlet" inspiram a maior parte da encenação. As comédias shakespearianas são ensaiadas em uma única cena absurda. As peças históricas são evocadas durante uma partida de futebol. Versões de "Othello" viram rap.

"Queremos fazer tir e, ao mesmo tempo, provocar as emoções que Shakespeare desperta, lembrando sua

enorme popularidade", diz Hugo Possolo, fundador dos Parlapatões.

O texto nasceu de uma brincadeira de três amigos, os atores norte-americanos Adam Long, Jesse Borgeson e Daniel Singer. Virou coisa séria ao ser montado com sucesso no circuito Off Broadway e no West End londrino.

HERMAN MELVILLE

Já o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos volta a "Bartolomeu, que Será que Nele Deu?", marco inicial de sua trajetória, para vislumbrar o desenvolvimento de sua linguagem. "Para podermos

reinventar o futuro, temos que olhar o passado", fala Claudia Schapiro, fundadora do grupo e autora da peça, dirigida por Georgette Fadel.

Schapiro se inspirou no conto "Bartleby, o Escriturário", de Herman Melville (1819-1891), para contar a história de um homem comum que, com a célebre frase "preferia não", resistiu ao sistema.

Paralisado diante do ritmo frenético da vida, ele se transforma numa espécie involuntária de revolucionário.



Alexandre Ramha (esq) e Hugo Possolo em "PPP@WlShkSpr.Br"

7º Festival de Teatro de Curitiba

Parlapatões juntam Shakespeare e Oscarito

NELSON DE SA
enviado especial a Curitiba

Todo o início do espetáculo "PPP@WlShkSpr.Br", talvez um terço da apresentação, é tomado por uma "encenação" resumida, farsesca, irresponsável de "Romeu e Julieta".

Alexandre Roit e Hugo Possolo interpretam Romeu e Julieta, respectivamente — e remetem à outra dupla de comediantes que fez algo semelhante, décadas atrás: Oscarito e Grande Otelo.

Julieta como travesti, as perucas, toda a graça do entra-e-sai da personificação, que alguém poderia chamar de distanciamento. As grosserias que se confundem entre a ingenuidade e a esperteza. Aqui um sotaque português, ali caretas,

ao fundo, música brega.

O humor dos Parlapatões, que conseguem com "PPP" seu espetáculo de maior alcance comercial, atingiu a maioridade. É excessivo, por vezes ofensivo, até desrespeitoso — mas é preciso, com domínio do ritmo e do palco.

Hugo Possolo, Alexandre Roit e Raul Barreto, após dez anos de teatro de rua, sempre cômico, sabem o que têm que fazer para o público rir.

Se quiserem, como em "PPP", sabem fazê-lo gargalhar, descontrolar-se — e até entrar na ação, participar da peça.

O título estranho é a mistura do nome do grupo com o de William Shakespeare, em forma de endereço eletrônico (e-mail), remetendo ao Brasil. A peça original leva o tí-

tulo traduzido de "As Obras Completas de William Shakespeare, Condensadas" e é um sucesso do West End, de Londres.

As 37 peças do dramaturgo inglês e até os seus sonetos, ou seja, a obra completa, são "condensados" em apenas uma hora e meia, ainda que só com o título ou com uma referência breve.

As comédias shakespearianas, que os autores consideram bem menos engraçadas (para a condensação cômica) do que as tragédias, são reunidas num quadro único — e histórico, com uma criativa reunião de palhaçadas com sonoplastia, bonecos e objetos.

De todas as demais, "Romeu e Julieta", a peça mais popular de Shakespeare, e "Hamlet", talvez a

maior peça já escrita, como aliás proclama o próprio espetáculo, são as únicas que recebem um tratamento mais extenso.

A última, "Hamlet", chega a ganhar uma encenação "condensada" com menos de um minuto e até uma versão de três para a frente. E também, no que é talvez a justificação de "PPP", uma longa fala representada com toda a seriedade — a da "quintessência do pó", que exalta o homem, mas conclui que pouco se importa com ele.

O resultado pode ser superficial, mas é comédia de grande efeito, ninguém vai questionar. Levando espectadores ao palco, avançando pelo público, com o público, "PPP" revive o humor nacional, para o bem e para o mal.

● Regular ● Ilum
● Nostalgia ● Sem avaliação

☞ Aceita cheque
☞ Ar-condicionado
☞ Acesso a deficientes físicos

Villagio Café

O instrumentista paraense Romano Nunes, o Cabelo, mostra composições próprias hoje, no Villagio Café. Informações no tel.: 251-3730.

TEATRO *Convidados a ocupar a sala Repertório, os Parlapatões reestriam hoje seu maior sucesso de público*

Shakespeare inaugura o novo TBC

ESTREIA

Espaço Agora recebe peça

free-lance para a Folha

A diretora e atriz Madalena Bernardes estreia seu trabalho "Questão de Presença", hoje e amanhã, sempre às 21h, no Agora, novo espaço comandado pelos atores César Frateschi e Roberto Lage.

O Agora não vai abrigar apenas espetáculos, mas também cursos, oficinas, palestras e leituras dramáticas. Há ainda dois núcleos permanentes de investigação teatral dirigidos por Frateschi e Lage.

O espetáculo flerta com teatro e música de vanguarda, com a proposta da autora de combinar luz, sons e movimento em sete peças baseadas em cenas do cotidiano. Na montagem, Madalena consegue abordar gêneros musicais e a influência das emoções na entonação da fala, com temas de caráter mais práticos como a situação dos indigentes ou a relação do ser humano com a morte.

A diretora, que faz um sério trabalho de pesquisa sobre a voz, volta ao Brasil com "Questão de Presença" depois de uma bem-sucedida turnê na Alemanha. (EL5)

Peça: Questão de Presença, de Madalena Bernardes
Quando: hoje e amanhã, às 21h
Onde: Agora Jr. Rua Barbosa, 672, tel. 284-0260
Quanto: R\$ 15

O novo TBC

Os números da reforma

custo **R\$ 4,4 milhões**

duração **9 meses**

Como ficou

4 salas de espetáculo (893 lugares)

Arte - sede do Grupo de Teatro Jovem, elenco permanente do novo TBC

Repertório (no Arena) - reservado ao desenvolvimento de trabalhos por grupos visitantes

TBC - destinada à montagem de grandes produções

Assobradado - sala de espetáculos musicais



Hugo Possolo como Julieta, em cena de "Romeu e Julieta"

ROGÉRIO EDUARDO ALVES da Redação

Shakespeare vai abrir hoje a temporada teatral no novo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Qual a peça? Todas as 37 mais célebres, em exatos 99 minutos. Nada impossível para os Parlapatões, Patifes & Paspalhões.

Depois do sucesso de público que tiveram em temporada de quatro meses no teatro da Faap em São Paulo, no ano passado, o grupo, com casa nova, volta com "ppp@WilmShakespr.br", sob a direção de Emílio di Biasi.

O texto é uma tradução de Bárbara Heliodora para o "The Complete Works of William Shakespeare (Abridged)", dos norte-americanos Jess Borgeson, Adam Long e Daniel Singer, que fez enorme sucesso em Nova York e em Londres.

Achado as comédias mais chatas que as tragédias do banho, ao menos não são engraçadas, o grupo resume as primeiras e dedica mais tempo às segundas.

"Romeu e Julieta", a mais popular, recebe um tratamento especial. Julieta (Hugo Possolo) aparece travestida, com peruca, e abre o espetáculo.

"Hamlet", considerada uma das melhores obras da dramaturgia ocidental, ganha uma versão de trás para frente e uma condensação de menos de um minuto.

As outras peças estão indicadas por meio de sonoplastia, bonecos, além de uma partida de futebol que reúne textos históricos.

Explorando a linguagem do teatro de rua, que o grupo continua fazendo mesmo em apresentações em teatros fechados, o contato com o público também é direto nessa reestria.

O parlapatão Possolo conta que quando montaram o espetáculo não acreditavam no sucesso e re-

servaram o teatro da Faap por apenas um mês, foi difícil conseguir espaço para mais três.

TBC

Depois de passar por nove meses de reforma e R\$ 4,4 milhões investidos pelo empresário Marcos Idemiano, o TBC convidou o grupo a ocupar a nova sala Repertório por, pelo menos, um ano.

Possolo considera uma honra e um privilégio estar ocupando um marco da história teatral brasileira. "É um privilégio terem apostado na gente e na cultura neste momento pelo qual o país passa", diz ele. "É também uma honra participar da história renovada, que tenta dar ao teatro o valor que ele teve um dia."

O único espaço que a trupe possuiu era dedicado aos ensaios. Com a sala, poderão desenvolver um trabalho de pesquisa teatral mais aprofundado.

Os Parlapatões estarão em cartaz de segunda a segunda apresentando o repertório, construído em oito anos de trabalho, e recebendo diferentes convidados a cada 15 dias, sempre às quintas e sextas-feiras, às 19h.

A temática que os convidados desenvolverão será sempre a medieval. Essa opção faz dos visitantes "colaboradores indizetos" da nova montagem da trupe, uma adaptação de "Gargântua e Pantagruel", de François Rabelais, ainda sem data de estreia.

Peça: ppp@WilmShakespr.br
Direção: Emílio di Biasi
Com: Alexandre Róit, Hugo Possolo e Ruel Barretto

Quando: quintas, sextas e sábados, às 21h; domingos, às 20h. Até 27 de novembro

Onde: TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), sala Repertório (Rua Major Diogo, 311, Bela Vista, tel. 3104-3523)

Quanto: quintas, sextas e domingos, R\$ 20; sábados, R\$ 25. Estacionamento: conversado, R\$ 3

Luiz Melodia lança CD na sala Assobradado

free-lance para a Folha

Dentro da programação que reinaugura o novo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), o espaço conhecido como Assobradado ficou reservado para os espetáculos musicais. O primeiro acontece hoje, às 21h, com o lançamento do CD "Luiz Melodia Acústico ao Vivo", primeira incursão do cantor em gravações ao vivo.

O autor de "Pérola Negra", que faz shows de hoje a domingo no TBC, está feliz por tocar em São Paulo, depois de dois anos.

Luiz Melodia diz estar seguro e tranquilo em relação ao trabalho que desenvolveu até aqui. Clasi-

fica o novo disco de intimista.

Ao comentar a atual fase da música brasileira diz: "Pior se não acontecesse nada. A música é muito mais viva que qualquer situação de mercado". Lembra de Cássia Eller, que tem uma de suas canções no CD "Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo". "Sempre me surpreendo", afirma, pois ao caso da canção, imaginou "outro sentido, outra interpretação" para a letra cantada por Cássia.

Luiz Melodia ressuma o gosto pela improvisação das músicas em seus shows. Este improviso só acontece devido à intimidade que tem com seus músicos. "Nos entendemos pelo olhar", diz.

O autor de "Negro Gato" se preocupa com seu público, principalmente em relação às suas apresentações, pois a outra parte do trabalho, os discos, "já são públicos", segundo diz. O restante, o retorno do público, o cantor recebe acompanhando as vendas e nos encontros com os fãs pelas ruas. "Sem meu público não sou ninguém", afirma. (JEMERSON LOPES SILVA)

Show: Luiz Melodia Acústico ao Vivo

Quando: de hoje a sábado às 21h; domingo às 20h

Onde: TBC - Assobradado Jr. Major Diogo, 315, tel. 3104-5523

Quanto: R\$ 25

Milk Shakespeare

Parlapatões aprontam para cima do velho bardo

Embalado por piruetas e traquinagens circenses, um espetáculo baseado na obra de William Shakespeare é a mais divertida atração dos palcos brasileiros neste verão. A peça, interpretada pela trupe paulista Parlapatões, Patifes & Paspalhões, tem um nome impronunciável: ppp@WilmShkspr.br. Hilariante, ela condensa, em exatos 99 minutos, as onze tragédias, dezesseis comédias e dez peças históricas criadas pelo dramaturgo inglês nos séculos XVI e XVII. Do drama existencial do príncipe Hamlet às crises histéricas de Catarina, de *A Megera Domada*, nada escapa aos atores Hugo Possolo, Alexandre Roit e Raul Barretto. É um verdadeiro "Milk Shakespeare". Eles se apresentam, a partir desta quinta-feira, no Rio de Janeiro. Graças à irrepreensível interpretação dos Parlapatões e à direção de Emílio di Biasi, ppp@WilmShkspr.br escapa da armadilha de ser apenas mais uma versão banalizadora da obra de Shakespeare. Com ótimas tiradas, como uma versão de *Otelo* narrada em ritmo de rap, a peça teve lotação esgotada durante sua temporada paulistana em 1998. "Os rapazes dos Parlapatões são muito criativos, além de exibir um raro entrosamento cênico", elogia a crítica teatral Barbara Heliodora, conhecida pelo rigor de suas apreciações, embora tenha conseguido enxergar qualidades dramáticas numa peça do empresário Antonio Ermírio de Moraes.

Criado em 1991 por atores que se conheceram numa escola de circo, o

Barretto, Roit e Possolo: eles não se levam a sério

grupo até há pouco tempo só se apresentava em salas de circuito alternativo ou em festivais de teatro. Inicialmente, o repertório dos Parlapatões incluía apenas textos criados por eles mesmos e voltados para o público infanto-juvenil, como *Bem Debaixo do Seu Nariz*. Em oito anos de carreira, a trupe já montou dez espetáculos — só em 1998 foram três — usando material tão diverso como uma série de contos libidinosos da Idade Média, a história do imperador macedônio Alexandre, o Grande e a vida do palhaço Piolim. Hoje, os Parlapatões atuam como uma companhia de repertório. Além de ppp@WilmShkspr.br, outras quatro peças são apresentadas de tempos a tempos, em períodos intercalados às estréias. Baseado num modelo de autogestão, o grupo se encarrega de cada passo de seu trabalho, da criação do texto à produção. A montagem shakespeariana é uma exceção: o texto é assinado por três autores americanos. Mesmo assim, o resultado tem a cara dos Parlapatões. "Podemos experimentar várias linguagens diferentes, mas seremos sempre palhaços", define Possolo, que, como seus companheiros, nunca concluiu um curso de teatro. Ainda bem. ■

Luiz Sampaio



A BESTA

Sexta-feira, 23 de maio de 2014

Show! Agora C5

TEATRO NO FIM DE SEMANA



Hugo Possolo e Priscila Fantin em cena da peça "A Besta"

Palhaço intruso

Comédia "A Besta" conta, com humor, a história de um diretor de teatro que rejeita um palhaço na trupe

Com um elenco de peso, a peça "A Besta" estreia hoje, no Teatro Gazeta, mostrando um embate entre artistas.

Na comédia, um palhaço de rua enfrenta resistência ao tentar entrar em uma tradicional companhia de teatro da França, em 1654.

Escrita pelo norte-americano David Hirson e montada nos anos 1990, na Broadway, ela tem direção brasileira de Alexandre Reinecke.

Priscila Fantin está no

elenco. "Faço a princesa que descobre o palhaço e, como patrocinadora, exige que ele seja incorporado à trupe."

O resistente diretor da companhia é Elomire, vivido por Celso Frateschi. "Ele anda muito sombrio, e a princesa quer mais alegria. Mas ele não quer se vender e, por isso, terá embates muito di-

vertidos com o palhaço", diz o ator, de volta à comédia após 20 anos em dramas.

Seu opositor é Valério, interpretado por Hugo Possolo —do grupo Parlapatões.

"A peça é sobre o teatro e sobre o viver em sociedade. Todos temos de ceder, em algum momento", diz Ary França, também no elenco.

A trama faz referências à história da trupe do dramaturgo francês Molière (1622-1673).

(Isabela Rosemback)

"A Besta" estreia hoje, sex., às 21h; e sáb. e dom., às 20h. No Teatro Gazeta (Av. Paulista, 900, Bela Vista, tel. (11) 3253-4102). R\$ 50 (sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.). 12 anos. Até 17h.

Veja São Paulo Recomenda

Teatro

Dirceu Alves Jr.

> A Besta

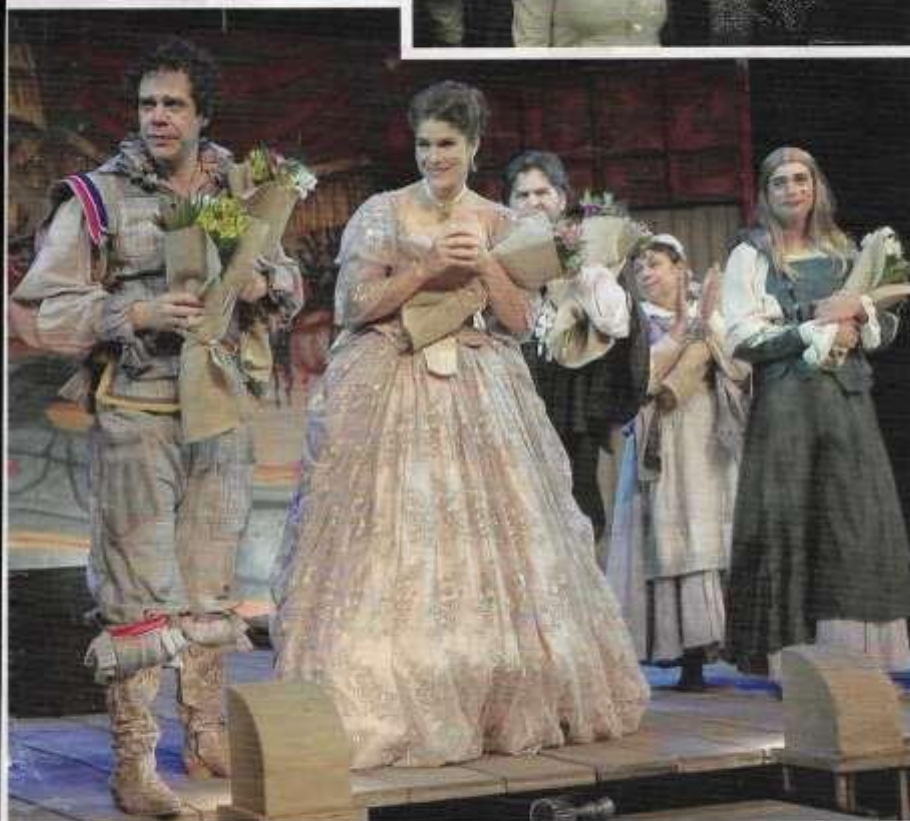
AVULSO R\$ 50,00

Era uma vez uma princesa (papel de Priscila Fantin) com dinheiro para investir em teatro. Ela convoca um sério e talentoso encenador (Celso Frateschi) para montar a peça dos seus sonhos, protagonizada por um comediante (Hugo Possolo) que descobriu numa praça. Acostumado a ter todos os aplausos só para si, esse egocêntrico sujeito, no entanto, reluta em seguir as orientações e contrarresta com o resto da companhia. Escrita em 1991 pelo americano David Hirson, a comédia embala uma oportuna discussão sobre o valor da arte e a força do mercado em meio a uma sequência de gargalhadas. Trava também diálogo com a produção atual, algumas vezes rebuscada demais ou tão superficial a ponto de menosprezar o plateia. O diretor Alexandre Reinecke reforça os contrastes propostos pela dramaturgia e tira proveito do perfil do elenco, completado, entre outros, por Ary França e Lara Jamra. No trio principal, Possolo é quem se destaca. O ator exagera para cumprir à risca o papel de ser ao mesmo tempo irritante e irresistivelmente cômico aos olhos do público (100min). 12 anos. Estreou em 23/05/2014. Teatro Gazeta (640 lugares). Avenida Paulista, 900. ☎ 3253-4102. **13** Prêmio Masp. Sexta, 21h; sábado e domingo, 20h. R\$ 50,00 (sex.) e R\$ 60,00 (sáb. e dom.). Bilheteria: 14h/20h (sex. a qui.); a partir das 14h (sex. a dom.). Cd: M e V. Até 17 de agosto.



França, Possolo e Priscila: qual é o valor da arte?

CARAS



PRISCILA DE VOLTA A CENA APLAUSOS DE BRUNA E RICCELLI

O retorno de Priscila Fantin (31) aos palcos teve sabor especial. Após participação em *Malhação*, ela encena em SP com Hugo Possolo (52), Celso Frateschi (62), Lara Jamra (58), ambos atrás, e grande elenco,

a peça *A Besta*. "A comédia estreou na Broadway, em 1991, com grande sucesso, e ganhou vários prêmios", fala Priscila, em cartaz até agosto, aplaudida pelo casal Bruna Lombardi (61) e Carlos Alberto Riccelli (67).

acontece

pésimo • ruim • regular • bom • ótimo • sem avaliação

Peça junta palhaço, professor e atriz de TV

'A Besta', com os atores Hugo Possolo, Celso Frateschi e Priscila Fantin, põe brasilidade em texto de versos rimado

Em seu 40º espetáculo, Alexandre Reinecke buscou intérpretes que tivessem identificação com personagens

MARCIO AQUILINO
DE SÃO PAULO

Em seu 40º espetáculo como diretor, Alexandre Reinecke reuniu um elenco heterogêneo para a montagem de "A Besta", peça que estreia na Broadway em 1991. Em busca de atores que ti-

vessem alguma identificação com os personagens, juntou uma trupe diversificada que reflete questões do erredo.

Hugo Possolo (Parlapatões) vive um comediante popular. Seu contraponto é um diretor erudito feito por Celso Frateschi, professor da USP. Mediando o conflito entre os dois está Ary França. No lado feminino, Priscila Fantin faz uma princesa.

"O Hugo é um palhaço que começou na rua; o Celso vem do drama e a Priscila, da TV, com seu papel representando o poder na peça. Esse trio

é muito coerente com os personagens", afirma Reinecke.

"Cada um de nós tem uma identidade pública fora do teatro. Eu faço Augusto, que é o arquétipo do palhaço excêntrico. Há um componente de autonomia", diz Possolo.

O maior desafio do encenador foi dar naturalidade à dramaturgia de versos rimados. Para isso, discutiu com o elenco estratégias para garantir a fluência da história, que se passa na França do século 17.

"As vezes fazemos comentários à parte, tipo uma mesclagem no período. Nós somos

'brasquinhas'; sempre damos um jeito de adicionar no tempo", conta França.

Esse "trabalho democrático" é o que Reinecke diz ter buscado. "Antigamente, eu ensaiava com o texto mais esquematizado. Hoje, eu desenvolvo a estrutura dramática com os atores", afirma.

A BESTA

QUANDO: seg., av. 231, sáb. e dom., às 20h

ONDE: Teatro Gazeta, av. Paulista, 900, tel. (11) 3253-4102

PREÇO: de R\$ 50 (sej.) e R\$ 60

CLASSIFICAÇÃO: 12 anos



Hugo Possolo (à esq.), Priscila Fantin e Celso Frateschi

CINEMA SINOPSES

De acordo com o texto e a imagem, a reprodução dos direitos não é permitida. É proibida a reprodução do texto e das imagens sem a autorização do autor.

CULTURA & LAZER

Entretenimento para todas as idades

teatro

A Besta estreia no Teatro Gazeta

Considerado durante dois anos como *O Rei da Comédia* pela Revista Veja São Paulo, Alexandre Reinecke completa 30 anos de carreira e conta 50 peças no currículo, tendo atuado em 10 e dirigido 40.

E para comemorar sua 40ª direção teatral, Reinecke fez a junção de grandes mestres da comédia e do teatro, reunindo no mesmo elenco: Hugo Possolo (Parlapatões), Ary França

(Ornitotrinco) e Lara Jandra (Pô de Minogal), de grupos de extrema importância no cenário nacional. Destacam-se também Celso Frateschi e Priscila Fantin. Ao todo, são dezatores na peça que faz uma homenagem à arte e leva o público às gargalhadas.

A história

La Bête, ou A Besta, é uma comédia escrita pelo drama-

turgo norte-americano David Hirsorn (nascido em 1958), inspirada em Molière e sua trupe, a farça é ambientada na França, em 1654, na propriedade de uma Princesa (Priscila Fantin), a patrocinadora da companhia de teatro.

A história fala do conflito entre dois homens: Elmir (Celso Frateschi), nome que é anti-anagrama do nome de Molière, o diretor da companhia, artista sério e respeitado; e Augusto Valério (Hugo Possolo), um comediante popular, canastrão e valdoso. Ocorre que Valério caiu nas graças da Princesa patrocinadora e



ela insiste que ele passe a integrar a trupe.

Apesar de Elmir rejeitar furiosamente a ideia de incorporar Valério, a companhia é obrigada a encenar uma de suas peças, o que vai gerar uma transformação no futuro de seus artistas.

SERVIÇO:

Teatro Gazeta - Av. Paulista, 900 - Tênis - Tel.: 3253-4102 - Até 17 de agosto - Venda: www.teatrogazeta.com.br e 4003-1527 - Toda 6ª, às 20h; sáb. e dom., às 20h - Ingressos: 65 R\$ 50 | 55 R\$ e Dom., R\$ 60 - Duração: 90 minutos - Classificação: 12 anos.



Ridículos Ainda e Sempre

FOLHA

guia

O DIRETÓRIO MAIS COMPLETO DE SÃO PAULO
de 15 de setembro de 2011

Em casa

Grupo Parlapatões completa 20 anos com nova peça; conheça outras companhias que têm sede própria | 10

Os atores Raul Dantas (de vermelho) e Hugo Fossolo em "Ridículos Ainda e Sempre"

dança | 77
Deborah Colker leva novo espetáculo ao teatro Alfa

passos | 87
Revelando São Paulo celebra a cultura popular e o folclore

show | 90
Judas Priest apertou seu heavy metal na Arena Anhembi

Foto: [unreadable]

10 Guia Folha | 1415 de setembro de 2011

capa



Integrantes do Parlapatões

ESPECIAL

Santo de casa

Os Parlapatões comemoram cinco anos de sua sede; Guia revela outros grupos de teatro que têm seu espaço aberto para o público

• Maria Luiza Barsanelli e Milena Emílio

Nem só do tapete vermelho são feitos os teatros de São Paulo. Pelo menos 20 deles estão escondidos atrás de portas de ferro, disfarçados de galpões e casarões antigos. Esses espaços abrigam grupos que, assim como o Parlapatões, têm sede própria.

A trupe de Hugo Fossolo e Raul Barreto, conhecida pelo humor, ocupa o número 158 da praça Roosevelt desde 2006 e comemora, neste domingo (10), 20 anos. Na data, estreia a peça "Ridículos Ainda e Sempre", com textos do dramata Daniil Kharms e objetos de cena do acervo, uma discreta homenagem ao aniversário da companhia.

Nas palavras de Fossolo, a sede ajuda a "aquecer a mente", pois recebe convidados e aumenta a interação com outros grupos. Ter o próprio espaço é um grande passo.

Roberto Alvim, diretor do Clichê Noir, que fica na rua Augusta, explica: "Em 2007, percebemos o quanto era difícil ensaiar e entrar no teatro apenas uma semana antes da estreia".

As dificuldades também são grandes. Ivam Cabral, do Salyros, primeiro coletivo a se estabelecer na Roosevelt, em 2000, precisava negociar com traficantes para abrir as portas à noite. "A gente vai ter que sair daqui logo", diz. "O teatro é alugado e o metro quadrado zebu muito."

Tava conhecer mais sobre os grupos, o Guia selecionou 20 que têm sua própria sede.

Grupo Parlapatões - Rua Francisco de Sá, 158 - São Paulo, SP
2006-2011 - 36 lugares. Ridículos Ainda e Sempre, até 20. Duração: 1h 30m. Ingressos: R\$ 20,00. Mais informações: www.parlapatões.org.br ou tel. (11) 5011-8115

ilustrada

CELEBRIDADES

Veja ranking dos bebês mais poderosos do mundo pop

Pág. E4

TELEVISÃO

"Rebelde" eleva íbope da Record com música e redes sociais

Pág. E8

Parlapatões comemora 20 anos com peça

'Ridículos Ainda e Sempre' segue linguagem do teatro de rua que foi pilar da trajetória do grupo de intérpretes-palhaços

Crônica por Artur Palhaças



Os atores do grupo Parlapatões

Espectáculo é adaptação de obra do dadaísta russo Daniil Kharms; trupe montou quase 30 peças nas duas décadas

GUSTAVO FIORATTI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O nome de batismo, Parlapatões, Patifes e Paspalhões, foi abreviado logo nos primeiros anos. Chamavam de Parlapatões apenas.

Agora, com duas décadas de estrada, o grupo de intérpretes-palhaços sediado na praça Roosevelt já atende por Parlapas. "O nome foi dimi-

nuindo", diz, rindo, Hugo Possolo, um dos fundadores.

Sinal de intimidade com o público e com outros artistas de teatro? Sim. Tanta gente passou pelas quase 30 peças da trupe, e tantas outras companhias se apresentaram em sua sede, que Possolo não consegue esboçar uma lista.

Dois integrantes permanecem da formação original: ele e Raul Barreto. Mas também foram fundadores os atores Alexandre Roit e Jairo Mattos.

É nesse clima de casa da Mãe Joana, de qualquer forma, que eles estreiam "Ridículos Ainda e Sempre", somando da própria fama e lembrando bons momentos.

O espetáculo é baseado em texto do poeta dadaísta Daniil Kharms (1905-1942) cujo título, se fosse traduzido literalmente, ficaria "Escola de Palhaços". Mas Possolo não queria "palhaços" no título. "Ridículos" parece ter um significado mais amplo", diz.

Entre russos modernistas, Kharms ficou conhecido por ser "dadaísta demais", segundo Possolo, o que deixa pistas da natureza da peça — fragmentada, não linear.

Há cenas grotescas, como a de pessoas que acham que estão tomando sol, mas o calor vem de um mendigo incendiado. Há recriações de imagens surrealistas, como

um homem com garfos e facas no lugar dos membros.

E há referências ao passado dos Parlapatões, como uma brincadeira em cima das temidas interações com a plateia. A linguagem do teatro de rua manteve-se como o pilar do trabalho do grupo, embora um ou outro drama, como "Vaca de Nariz Sufl", tenha completado o álbum.

RIDÍCULOS AINDA E SEMPRE

QUANDO estreia hoje para convidados; sáb., às 21h, e dom., às 20h
ONDE Espaço Parlapatões (praça Franklin Roosevelt, 158, tel. 0xx11/3258-4449)

QUANTO R\$ 40
CLASSIFICAÇÃO 14 anos

Sveja São Paulo

vejinha.com
m.vejasp.com.br

7 de setembro de 2011

Teatro

A HISTÓRIA DE NÓS DOIS, de Lúcia Manzo. **Comédia.** Lena (Alexandra Richter) e Edu (Marcelo Valle) são casados e, conforme o tempo passa, assumem diferentes gostos e personalidades. Quando ela tem um filho, por exemplo, se torna Mammy. Ele, por sua vez, vira Duca e só pensa em sair com os amigos. Por fim, assumem o papel de Maria Helena e Carlos Eduardo, ambos viciados em trabalho. Direção de Ernesto Piccolo (65min). **Teatro Gazeta** (640 lugares), Avenida Paulista, 900. ☎ 3253-4102. 📍 **Trianon-Masp.** Sexta, 21h; sábado, 20h; domingo, 18h. R\$ 60,00 (sex. e dom.) e R\$ 70,00 (sáb.). **Bilheteria:** 14h/20h (ter. a qui.); a partir das 14h (sex. a dom.). Cd: M e V. Até 20 de novembro. A estreia estava prometida para sexta (2).

A ILUSÃO CÔMICA, de Pierre Corneille. Em comemoração aos 21 anos da companhia Ruzões Inversas, o grupo estreia a montagem desta **comédia**. O diálogo entre um mago e um burguês que está atrás de seu filho desaparecido é um dos nichos do espetáculo. Através de magia, o pai vê por onde anda o seu herdeiro. Esse enredo é apresentado como uma peça dentro da outra. Com Paulo Marcello, Joca Andreazza, Lavinia Pannuntine Babo (1904-1963) e entoadas na montagem que se passa durante os ensaios de uma banda. Só esses temas já garantiriam a simpatia do espetáculo. A costura dramática traz um senhor e sua sobrinha. Misteriosos e até divertidos, eles inicialmente sustentam o fio dramático. O inacreditável desfecho, no entanto, não só desvaloriza o texto como parece uma solução fácil demais para a história. Com Marcos de Andrade, Sady Medeiros, Adriano Botshi, Domingas Person, Ricardo Venturin e outros. Direção cênica de Emerson Danesi e musical de Fernanda



Hugo Possolo em *Ridículos*
***Ainda e Sempre*: espetáculo comemora os cinco anos da sede do Parlapatões**

○○○ **MAMMA MIA!**, de Benny Andersson, Björn Ulvæus e Catherine Johnson. Lançado em Londres em 1999, o **musical** foi adaptado para o cinema em 2008. Grande parte do sucesso pode ser atribuída às canções da banda sueca Abba, que nesta montagem ganharam versões de Claudio Botelho para o português. Em meio a temas como *Dancing Queen*, *The Winner Takes It All* e *Money, Money, Money* está uma história simples, a de Donna (Kiara Sasso) e sua filha Sophie (Pati Amoroso), ambien-

tada em uma ilha grega. Às vésperas de seu casamento, a garota manda o convite para três homens (Saulo Vasconcelos, Cleto Baccic e Carlos Arruza) que fizeram parte do passado de sua mãe — um deles pode ser o pai que ela nunca conheceu. No palco, não comparecem a grandiosidade nem os efeitos visuais característicos do gênero, mas uma trama leve e alto-astrol. Entre os 32 atores estão Rachel Ripani, Andreza Massei e Thiago Machado, além de dez músicos regidos pelo maestro Paulo Nogueira. Direção de Robert McQueen e Floriano Nogueira (180min, com intervalo). 12 anos. Estreou em 11/11/2010. **Teatro Abril** (1.530 lugares), Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 411, Bela Vista. ☎ 4003-5588. 📍 **Quinta e sexta, 21h; sábado, 17h e 21h; domingo, 16h e 20h.** R\$ 80,00 a R\$ 230,00 (qui., sex. e dom. às 20h) e R\$ 90,00 a R\$ 250,00 (sáb. e dom. às 16h). **Bilheteria:** 12h/20h (seg. a qua.); a partir das 12h (qui. a dom.). Cc: D, M e V. Cd: R e V. TF. Na quarta (7) haverá sessão extra, às 17h (R\$ 80,00 a R\$ 230,00). Domingo (11) haverá apenas a sessão das 16h.

○ **MAMMY**, de Alexandra Golik. **Comédia dramática.** A atriz, diretora e dramaturga Alexandra Golik inaugura seu espaço cultural do grupo, um pouco cansativa (140min). 12 anos. Estreou em 15/1/2010. **Espaço Redimnho** (30 lugares), Rua Alvaro de Carvalho, 75, Bela Vista. ☎ 3101-9645. **Sábado, 21h; domingo, 19h.** R\$ 30,00. Até dia 25.

○○○○ **MEMÓRIA DA CANA**, adaptação de Newton Moreno para peça de Nelson Rodrigues. **Tragédia.** A Cia. Os Fofos Encenam dá uma guinada em seu repertório — marcado pela leveza — ao transpor a rodriguiana *Álbum de Família* para uma fazenda nordestina. Rodeada

Parlapatões Revistam Angeli

D1 | SOULDA-PEIRA, 27 DE MARÇO DE 2013 | ANO XXVII | Nº 5046

O ESTADO DE S. PAULO

Caderno 2



Maria Eugênia de Menezes

Voto a maioridade. E não é que, aparentemente, o Festival de Curitiba cresceu? Em sua 22ª edição, o evento que começa amanhã recebe uma programação curada nos mesmos moldes dos anos anteriores: traz obras de dramaturgia nacional, foca na fusão de linguagens, reserva lugar para alguns experimentos e elege uma boa parcela de títulos atraentes para o grande público. A equipe de curadores, Celso Curi, Lucia Camargo e Thania Brandão, também se mantém intacta há cinco anos. "A receita é a mesma", garante Leandro Knöppholz, diretor do Festival. Mas o resultado, de alguma forma, é diferente.

Neste ano, os antes omnipresentes musicais à maneira da Broadway saíram de cena. Criações de médio porte que se destacaram na última temporada angariaram espaço considerável. A presença de títulos internacionais cresceu. Também chegou a tão amada rotatividade: não se vê mais a oferta viciada que manteve os mesmos grupos e diretores por anos na grade.

No entanto, o sinal mais contundente de que essa edição pode se distinguir está no fato de a

maioria deixado a posição passiva de apenas assistir o que se faz no País e passar a atuar como coprodutora. São quatro as montagens nas quais o festival investiu de maneira direta: *Women Verbot*, espetáculo em parceria com a companhia argentina Oyá; *Masculino Coar*, da mesma Cidade Moinho, além dos peças *Parlapatões: Revistam Angeli* e *Cine Monstro Versão 1.0*, de Henrique Diaz. "Atenção: é viabilizar propostas que não poderiam estar no festival de outra maneira", aponta Knöppholz. "Algumas são espetáculos que não ficariam prontos a tempo se a gente não desse um empurrão. Outros são desafios, ideias que a gente propõe. Não temos a pretensão de mudar os rumos das coisas, mas queremos experimentar interferir na produção, como outros grandes festivais do mundo costumam fazer."

Até o dia 7 de abril, a capital paranaense recebe 32 espetáculos selecionados para o festival, nove deles estreias nacionais. A quantidade é equivalente a de outras edições. Porém, alguns recortes propostos pela curadoria também ajudaram a mudar as feições do evento. Um mesmo texto será apresentado em duas versões: *The Pillowman*, de São Pau-

lo, e *O Homem Transverso*, do Rio, pertencem ambos da obra do inglês Martin McDonagh.

Outra mudança será comemorada a lacuna deixada pelos grandes musicais foi ocupada por produções, de diferentes estilos e origens, que utilizam a música em sua concepção. "São criações em que a música não é utilizada apenas como pano de fundo, mas como protagonista da cena", diz o diretor do festival. Ele se refere a espetáculos como *Olim Intencionais* – em que o grupo Laine, de Campinas, abandona momentaneamente seu olhar para o trabalho corporal para se lançar em uma proposta que valoriza a dramaturgia, nessa esteira, uma série de canções. Também despontam nesse contexto peças como *Getzaghá – A Lenda e Furorei Brecht*, uma releitura rock de clássico Mús. Coreia, vinda da Coreia. "Essa utilização diferente da música não acontecia apenas aqui, mas em outros lugares do mundo."

Normalmente, a participação internacional em Curitiba restringia-se a um único título. Agora, estrangeiros estão em maior número; seriam quatro, se a montagem belga *Kiss and Cry* não tivesse sido cancelada em cima da hora. Outro dado: artistas

de fora do País também expandiram seus limites para o Fringe.

A programação paralela do festival costuma desportar tanta atenção quanto a lista de eletos pela curadoria. Apesar disso, os problemas que atingem essa parcela do evento parecem longe de encontrar uma solução. Inspirado pelo Festival de Edimburgo, o Fringe de Curitiba é um espaço sem seleção, livre para quem quiser participar. Em 2013, a cidade verá 196 peças inscritas nessa categoria. É uma cifra robusta. Mas, infelizmente, grande parcela dessas criações é irrelevante. Como conciliar o espírito da liberdade que rege o Fringe com alguma política que permita sua importância? Ainda não se sabe.

Mesmo que insuficiente, uma estratégia para impulsionar essa parcela do Festival e o foco em mostras setorializadas. Nos próximos dias, os destaques são a representação de *Mixas*, coordenada pelo Galpão Cine Horto, e um compêndio de produções da Bahia, selecionadas pelo ator Wagner Moura.

DESTAQUES

● ***In the Dust***
Espetáculo da companhia britânica 2Faced Dance une diferentes vertentes da dança de sua contemporânea e é um dos destaques da programação internacional do Festival



● ***Parlapatões Revistam Angeli***
Exemplo das coproduções do evento, espetáculo explora os personagens do cartunista Angeli e utiliza trilha sonora criada pelo titã Branco Mello

FOLHA DE S. PAULO

desde 1821

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 • R\$ 3,00

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 09:40 • R\$ 3,00

TRÉPLICA

Crítico do jornal mentiu para favorecer sua própria opinião

HUGO POSSOLO
ESPECIAL PARA A FOLHA

A briga interessa ao leitor? Ou ao ego de Luiz Fernando Ramos? Contestado, se diz achincalhado e evoca sua honra. Não vejo honradez em suas pseudocríticas. É um crítico que não suporta ser criticado.

Nada contra análises coerentes, ainda que negativas. Porém Ramos mentiu para favorecer sua opinião. Usou "fiapos de riso" para negar o sucesso da peça. Agora admite, mas despreza o "índice". Arvora-se em ser quem define o que é obra-prima. Queira ele ou não, a grande comédia se

faz pelo riso do público.

Ramos brada o direito de dar opiniões que, embora mal escritas, têm espaço constante. Feito um conservador autoritário, define minha defesa como "intolerância". Quer a submissão? Teve três chances de atacar minha obra e eu duas para me defender. Injusto, mas ineficiente.

Diz ser "infeliz coincidência" não ter acompanhado os Parlapatões. O que fez em cinco anos? Estava no dentista? No banheiro? Se não nos assistiu, como nos acusa de "mais do mesmo"? Preconceituoso com o humor, não nos respeita.

Copiou o programa da pe-

ça para contestá-lo displicentemente. Sua admitida desatenção prova sua preguiça. Seu egocentrismo confundiu o debate que levantei sobre a função atual da crítica.

Sou eu o "contraditório"? Um deus como Ramos não deve se ofender. Não é vítima. Só provou do próprio veneno.

Eu, artista, trabalho honestamente. Já Ramos tem medo de perder o emprego e a falsa majestade. Que faça algo original e deixe de ser parasita do trabalho alheio. E quando tenho razão não é culpa minha.

HUGO POSSOLO é palhaço, dramaturgo, diretor dos Parlapatões e acaba de contratar um segurança pessoal.

► POLÊMICA

CRÍTICA À PEÇA SOBRE ANGELI MOTIVOU DEBATE

Insatisfeito com texto do crítico Luiz Fernando Ramos sobre "Parlapatões Revisitam Angeli", Possolo escreveu réplica, respondida por Ramos. Como recomenda o "Manual de Redação" da Folha, textos das duas partes devem pôr fim à polêmica. O crítico optou por não escrever uma tréplica.

vejasaopaulo.com
26 de junho de 2013

veja São Paulo



GRANDE DE VEJA ANO 40 Nº 76
SUA VEZILDA SEPARADAMENTE
PA EDICAO 346 711 EXEMPLARES

Parlapatões Revistam Angeli

Ao lado da trupe dos Parlapatões, Paula Cohen revive a clássica Ré Bordosa, personagem criada pelo cartunista Angeli, em comédia dirigida por Hugo Possolo (75min). 16 anos.

Espaço Parlapatões (96 lugares),
Praça Franklin Roosevelt, 158,
Consolação, ☎ 3258-4449,

☑ República. ⚡ Sábado, 23h59.
R\$ 40,00. IR. Até 27 de julho



MARCELO POSSOLO

veja



São Paulo

vejasapaulo.com
26 de junho de 2013

Teatro

Dirceu Alves Jr.

> Eu Cão Eu

AVALIAÇÃO ○○○

Todo dia ele fazia tudo sempre igual. Batia ponto em um emprego tranquilo, morava em um apartamento herdado da família, dirigia seu carro... Numa noite, o protagonista do monólogo tragicômico (Hugo Possolo, também autor do texto) avistou um cachorro livre na rua. Af, sim, esse cara começou a achar que muita coisa estava errada. Sob a direção de Rodolfo García Vázquez, da Cia. Os Satyros, Possolo supera um momento desafiador como intérprete e dramaturgo. Em uma encenação crua, ele explora sua técnica a serviço de um personagem que tem muito a dizer sobre o cotidiano nos grandes centros. Para isso, Possolo não se limita ao humor e, no registro dramático, transmite a angústia de alguém que pouco a pouco abre mão da lucidez (60min). 16 anos. Estreou em 24/5/2013. *Audatório do Sesc Pinheiros (97 lugares). Rua Paes Leme, 195, Pinheiros, ☎ 3095-9400. Sexta e sábado, 20h30. R\$ 32,00. Bilheteria: 10h/21h30 (ter. a sáb.). Ingressos também em toda a rede Sesc. Ce: todos. Cd: todos. Estac. (R\$ 7,00). Até sábado (29).*



Hugo Possolo:
desafio como ator
e dramaturgo



☆☆☆ **Eu Cão Eu**

O ator Hugo Possolo investe em um **monólogo tragicômico**. Também autor do texto, ele interpreta um homem que passa a admirar um vira-lata e sua liberdade. Sob a direção de Rodolfo García Vázquez, Possolo supera um momento desafiador. Em uma encenação crua, ele explora sua técnica a serviço de um personagem que tem muito a dizer sobre o cotidiano nos grandes centros (50min). 16 anos. Estreou em 24/5/2013.

Espaço Parlapatões (96 lugares), Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação, ☎ 3258-4449, 📍 República. ⌚ Terça, 21h. R\$ 30,00. Bilheteria: 16h/22h (ter. a dom.). IR. Até 24 de setembro.

Teatro

➤ **As 10 peças mais bem avaliadas**



Agreste

Pág. 141



Eu Cão Eu

Pág. 143



Festa no Covil

Pág. 139



Azirilhante

Pág. 141



Jacinta

Pág. 144



A Obscena Senhora D (foto)

Pág. 140



Divórcio

Pág. 142



A Descida do Monte Morgan

Pág. 139



Nossa Classe

Pág. 144



E Se Não Tivesse Amor no Título?

Pág. 139

ISTO É

18 003 205 - 400 11 - 40204 R\$ 30,00



EU CÃO EU

(Espaço Parlapatões, em São Paulo, até 24 de setembro). Monólogo escrito e interpretado por Hugo Possolo, dos Parlapatões, Patifes & Paspalhões, com direção de Rodolfo García Vázquez, dos Satyros

Agora cl Show!

Terça-feira, 22 de outubro de 2013

TEATRO



R\$ 30 Homem infeliz com a vida

O ator Hugo Possolo (foto) encena o monólogo "Eu Cão Eu", que acompanha um dia na vida de um homem insatisfeito com a vida. Ao encontrar um cachorro vira-lata, ele passa a admirar a sua liberdade.

"Eu Cão Eu" Ter., às 21h. No Espaço Parlapatões (pça. Franklin Roosevelt, 158, centro, tel. 000011 3258-4440). R\$ 30. 18 anos. Até 29/10.

Agora cl Show!

Terça-feira, 11 de agosto de 2013

TEATRO



Peça faja sobre homem infeliz

R\$ 30 O espetáculo "Eu Cão Eu", com atuação de Hugo Possolo (foto) e direção de Rodolfo Vázquez, conta a história de um homem infeliz que passa a admirar a liberdade de um cão.

"Eu Cão Eu" Ter., às 21h. No Espaço Parlapatões (pça. Franklin Roosevelt, 158, centro, tel. 000011 3258-4440). R\$ 30. 18 anos. Até 29/10.

Parlapatões Clássicos do Circo



Tardes de humor afiado

No último ano, as peças infantis dos Parlapatões entraram em cartaz poucas vezes e em temporadas muito curtas. Isso muda com a reestrela de duas hilárias montagens.

Aos sábados, Raul Barretto protagoniza *O Bricabraque*, solo cômico em que um vendedor de bugigangas cai de amores por uma pulguinha falante.

Sempre aos domingos, *Parlapatões Clássicos do Circo* (foto) apresenta um desfile de piadas e números circenses tradicionais. Por trás dos textos e da direção de ambos os espetáculos está a verve afiada de Hugo Possolo.

OOO **O BRICABRAQUE** (50min).

Rec. a partir de 3 anos.

Estreou em 7/8/2004.

Sábado, 16h.

Até 8 de março.

OOO **PARLAPATÕES**

CLÁSSICOS DO CIRCO

(55min). Rec. a

a partir de 3 anos.

Estreou em 26/5/2007.

Domingo, 16h.

Até 9 de março.

ESPAÇO PARLAPATÕES

(96 lugares).

Praça Franklin

Roosevelt, 158,

Consolação,

☎ 3258-4449.

☑ República. R\$ 7,50

(crianças de até 12 anos)

e R\$ 15,00.

Guia

COM
100
PÁGS.

Este suplemento
não pode ser vendido
separadamente

O ESTADO DE S.PAULO

Nº 332

DE 15/2 A 21/2

Capa

A sua educação

Então a temporada de reestréias infantis começou morna e ainda assim você acha que deve ir ao teatro – afinal é arte e educa. Bem, na opinião de Raul Barreto, dos *Parlapatões* (foto), quem tem de educar as crianças são os pais. No papel de Bricabraque, um leiloeiro maluco de peças antigas, ele grita e faz brincadeiras nada sutis que às vezes podem servir de maus exemplos para os filhos. “A arte é livre. O que parece preconceituoso para o adulto, a criança entende de outro jeito”, diz. Será? Na peça, ao mesmo tempo em que ele ironiza temas delicados como deficiência física, ele até valoriza o amor e critica o consumismo. Além do mercado de pulgas, o grupo volta das férias também com ‘Clássicos do Circo’, que relembra números tradicionais.

Pça. Franklin Roosevelt, 158, Centro, 3258-4449. O Bricabraque. Sáb., 16h. Clássicos do Circo. Dom., 16h. R\$ 15.

Picadeiro de música

FOTOS DIVULGAÇÃO



Cirquinho diferente: nada de palhaço

Enquanto o Circo Vox tira férias, a lona da trupe serve para o trabalho do grupo *Último Tipo*. Com base na música, o espetáculo é feito para pais e crianças que apreciam a proposta do circo novo – uma mistura de teatro e picadeiro, mas sem atrações tradicionais como trapézio, corda ou malabarismo.

R. Branco de Moraes, 63, Chácara Santo Antônio, 5181-0662. Sáb. e dom., 19h. R\$ 20. Até 24/2.



As crianças podem
comprar (de mentira)
as bugigangas do
leilão com a moeda
'bricabraquês'

A TARDE

FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

SALVADOR, BAHIA SEXTA-FEIRA, 20/3/2009

LUZ DORONTO | DIVULGAÇÃO

Fimdesemana

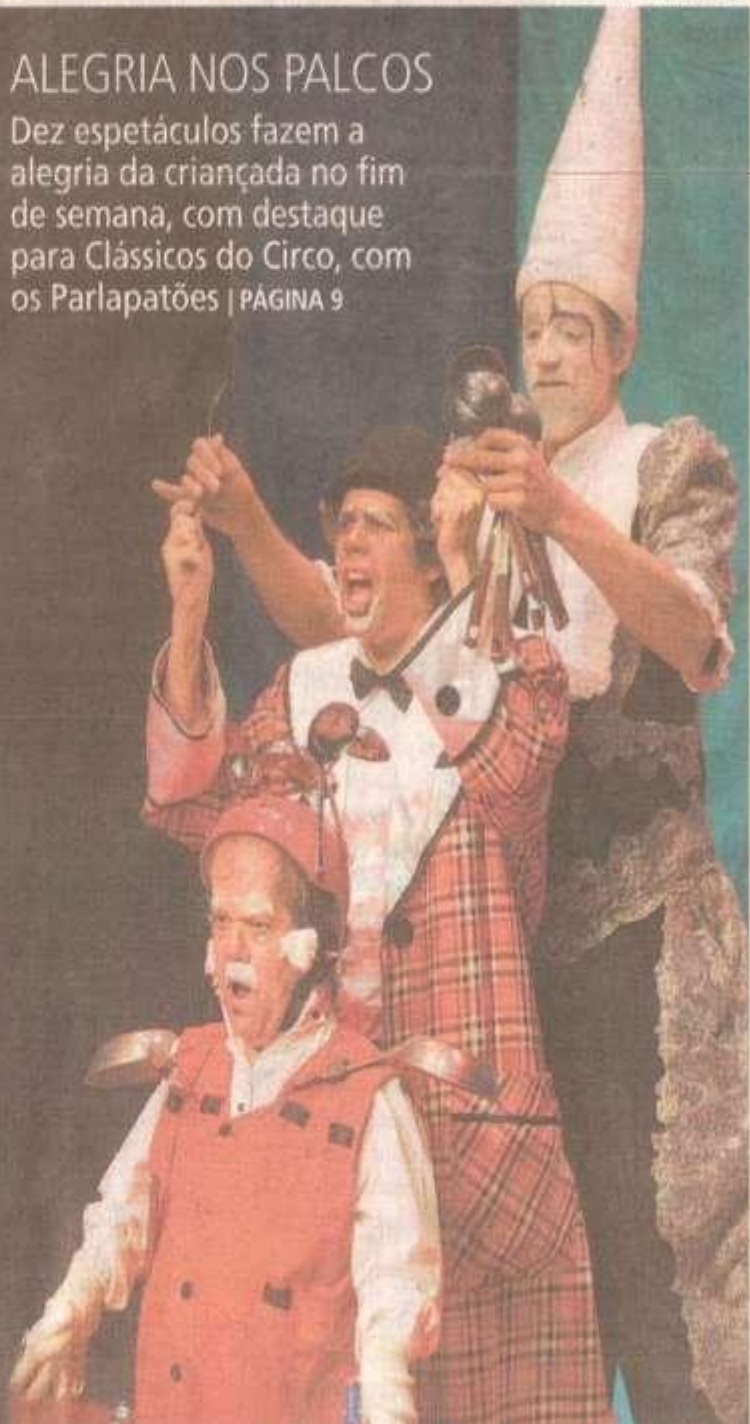


ALEGRIA NOS PALCOS

Dez espetáculos fazem a alegria da criançada no fim de semana, com destaque para Clássicos do Circo, com os Parlapatões | PÁGINA 9

THE SPIRIT E GRAN TORINO ESTREIAM NOS CINEMAS

| PÁGINAS 6, 7 E 8



AGUARRAZ É UMA DAS ATRAÇÕES DO CENÁRIO MUSICAL

| PÁGINA 4

Clássicos do humor circense

Pode ir que a diversão é garantida. Em sua terceira visita a Salvador, o grupo paulista Parlapatões faz duas roçadas de apresentações, neste e no próximo final de semana, na Caixa Cultural Salvador (Avenida Carlos Gomes), com um espetáculo que valoriza sua própria história. O quarteto, formado por Claudinei Brandão, Henrique Stroeter, Fabrick Capreri e Hêlio Pottes, mostra Parlapatões: clássicos do circo, sábado e domingo, às 18h, com ingresso trocado por um quilo de alimento não-perecível. Nesta montagem, eles reuniram alguns dos mais divertidos números cômicos e circenses que marcaram a sua trajetória de 18 anos. São esquetes como o cumprimento dos palhaços à plateia, o contorcionista árabe, com o tradutor que nada traduz, e o

Rei do Gufilho, quando um palhaço tenta acertar uma maçã na cabeça do outro. Conhecido também pelas pesquisas e renovação na arte circense, o grupo revisitou o número interativo Futebol do Palhaço e o famoso Águas Dançantes. Texto, direção, cenário e figurino são de Hugo Possiolo. A temporada do Parlapatões integra a programação do Mês do Teatro e Circo em Salvador, que está oferecendo boas opções, em vários espaços. Na mesma seara dos paulistas, tem o balainíssimo palhaço Blancorino, do ator Alexandre Luis Casali, que anima a Arena do Sesc Senac Pelourinho amanhã, às 17h, com o show Mula sem alça, palhaço sem calça, com espaço para muita interação com a plateia. Grátis e com repeteço no próximo sábado.

Grupo paulista Parlapatões em temporada na cidade



SÁBADO, 18 DE JULHO DE 2009

JORNAL ZINHA

Parlapatões mostram Clássicos do Circo no Sesi

Um dos mais respeitados grupos de teatro do Estado de São Paulo, os Parlapatões, Parifes & Paspalhóes estão na cidade hoje e amanhã, às 18h, na Mostra Sesi de Teatro Infantil 2009. Por isso, não deixe o frio te intimidar: chame o seu pai e mamãe e vá ao Sesi Vila Industrial assistir ao espetáculo Clássicos do Circo, criado de maneira divertida para matar a saudade dos circos de antigamente. Mas chegue uma hora antes, pois os ingressos são gratuitos e podem se esgotar!

A peça conta a história do palhaço Tiliingo, que chega a um circo onde o apresentador está desesperado sem saber o que é o "tal" circo novo. Tiliingo sugere que se faça tudo como antigamente, para recuperar o ânimo daquela trupe. O palhaço divide a cena, ou melhor, disputa as atenções do público com o Branco. Os dois reproduzem a eterna disputa entre duplas de desajeitados, na qual um se enche mais cheio de destreza que o outro.

O palhaço Tiliingo e Branco disputam a atenção do público.



sexta, às 18h, no Sesi Pelourinho (Avenida Luiz Rêgo Soares, 300, Vila Industrial). A entrada é gratuita e os ingressos devem ser retirados com

uma hora de antecedência. Mais informações: (71) 3421-2584. Para ajudar a fazer melhor contato com as organizações.

SERVIÇO: Espetáculo Clássicos do Circo, com os Parlapatões. Hoje a

Totalmente Pastelão!



vejinha.com

@vejasp

8 de agosto de 2012



Abriu

TATIANE
ROSSET

Crianças

Cotações | Péssimo | Fraco | Regular | Bom | Muito bom | Excelente

Tem até torta na cara

De humor simples, *Totalmente Pastelão* diverte com uma trama sobre dois vagabundos

AVALIAÇÃO

Popularizado no picadeiro; no cinema, com os filmes mudos de Charles Chaplin, e nos antigos episódios de *Os Três Pateias*, o humor pastelão é um jeito simples de fazer comédia. Não exige piadas complexas nem um roteiro muito rico, apenas uma coreografia bem executada e situações cômicas. São justamente essas as características de **Totalmente Pastelão**, levado ao palco pelo grupo Parlapatões. Com texto e direção de Hugo Possolo, o espetáculo de pegada circense cumpre bem a proposta. Usando movimentos sincronizados e até as tradicionais tortas na cara, a montagem provoca risos em espectadores de qualquer idade.

Na trama, dois moradores de rua fazem traquinagens para conseguir comida. O malandro Chico Farofero (Alexandre Bamba), porém, decide deixar o trabalho duro para o outro, o tolo Resmelengo (Fabek Capreri). Uma das tarefas consiste em enganar a confeitaria italiana Dulcinea (Carmo Murano), que prepara delícias para o marido (Armando Júnior). Depois de furtar um pão de calabresa da ingênua senhora, a dupla traça um plano para pegar as tortinhas doces assadas por ela. Mas, muito guloso, Farofero exclui o parceiro da armação e resolve fazer tudo sozinho para ficar com os quitutes. Quando Resmelengo descobre, começa uma confusão capaz de transformar a confeitaria numa bagunça de morango e chantil para todos os lados.

Alexandre Bamba,
Fabek Capreri,
Carmo Murano e
Armando Júnior:
afiados em cena

Os quatro atores se divertem em cena e surpreendem ao arremessar tortas para a plateia (calma, ninguém vai se lambuzar) e ao dividir um pãozinho com quem quiser. Bem colocados, os momentos de interação contribuem para a graça da peça. A interpretação de Fabek Capreri como Resmelengo sobressai, mas o elenco também se mostra afiado.

Totalmente Pastelão (50min). Rec. a partir de 4 anos. Estreou em 21/7/2012, Teatro Alfa — Sala B (200 lugares), Rua Bento Branco de Andrade Filho, 727, Santo Amaro, 5693-4000. 8 Sábado e domingo, 17h30, R\$ 15,00 (crianças de até 12 anos) e R\$ 30,00. Grátis para menores de 3 anos. Bilheteria: 11h/19h (seg. a sex.); a partir das 11h (sáb. e dom.). Co: todos. Cil: todos. Estac: c/manobr. (R\$ 20,00). Até 16 de setembro.



CAPA

Riso fácil

Natália Mazzoni

Rir é muito bom, não é? Mas você já brincou de provocar risadas? (Não vale cêcega). Estamos falando de uma atividade que pode virar brincadeira para uma semana inteira: inventar a sua própria comédia pastelão! É tão divertido que você ri antes, quando está criando o roteiro, durante os ensaios com seus amigos e depois, enquanto apresenta para sua família. Eles também vão rir muito. Não sabe como fazer? Então, leia esta matéria, cheia de dicas de Raul Barretto, um dos fundadores do grupo Parlapatões, e que tem um pouco de história sobre esse gênero de teatro que surgiu na Idade Média. Se quiser entender melhor esse espírito pastelão, rir muito e se inspirar, pode ver ao vivo uma comédia assim: os Parlapatões apresentam no Teatro Alfa, em São Paulo, a peça *Totalmente Pastelão!* Como toda comédia do gênero, ela tem muitos empurrões, trapalhadas e tortas na cara. Está preparado para rir, quer dizer, criar sua peça?



Chico Farofero

O mais malandro da dupla de mendigos aventureiros. Farofero, na linguagem popular, significa mentiroso.

Tartameio

Gago e bonachão, ele é o dono ingênuo da doceria.

Resmelengo

É o mais ingênuo e engraçado da dupla.

Dulcinéia

Mulher de Tartameio, a doceira é capaz de dar até surras no marido quando está brava.

ILUSTRAÇÕES: BAPTISTA/NOVA

4 SÁBADO, 11 DE AGOSTO DE 2012 • O ESTADO DE S. PAULO

RAUL FERREZ/ESTRELA

Os trapaceiros

Totalmente Pastelão! é uma peça para rir do começo ao fim com trapalhadas. Baseada no texto "O Pastelão e a Torta", uma farsa medieval do século 13, esta comédia conta a história de dois mendigos muito engraçados, Resmelengo e Chico Farofero, que montam uma empresa de trapaceiros para roubar comidas gostosas e matar a fome.

Malandro, Chico deixa o trabalho duro para Resmelengo que, ingênuo, aceita. A primeira missão é enganar a confeitaria italiana Dulcinéia e roubar um pão de colabresa que ela fez para o marido. O pão é despedaçado por todo o teatro e até a plateia participa da bagunça!

De barriga cheia, eles decidem roubar as tortinhas, mas, quando Resmelengo descobre que o parceiro planeja comer tudo sozinho, a confusão acontece.



A comédia nos palcos

Teatro medieval

Na Idade Média (época de reis e rainhas), o teatro era apresentado dentro das igrejas e contava histórias da Bíblia. Com o tempo, as peças ganharam maiores proporções e começaram a exigir espaços mais amplos, o que as levou para o lado de fora. A Igreja, então, proibiu que os espetáculos misturassem temas religiosos e comuns, o que permitiu o aparecimento das comédias medievais no fim do século 14.

Farsas

Um gênero de teatro medieval, elas são comédias curtas com poucos personagens. "É o teatro dentro do teatro. Um ator faz um personagem, que finge ser outro. O próprio ator sai do papel e fala diretamente com o público, que se diverte com isso", explica Márcia Frederico, da Cia. de Teatro Medieval.

Pastelão

O pastelão ficou popular nos anos 1920, na época do cinema mudo. Assim como a farsa, ele tem como pontos principais a comédia e a grande movimentação dos atores em cena, que fazem a plateia rir com piadas simples e gestos ensaiados, sem roteiro muito elaborado (quedas, tropeções e "tortado" na cara, sua marca mais característica). Não existe a "preocupação" em fazer com que as cenas pareçam reais. É tudo bem esboçado, sem a pretensão de "iludir".

folhinha

pastelão saboroso

Os personagens
Chico Farofero e
Resmelengo



Al Caputo/Sempre Folhinha

Grupo Parlapatões provoca riso e reflexão em novo espetáculo

DE SÃO PAULO

A história é antiga, vem do século 13, e se chama "O Pastelão e a Torta". Nas mãos de Hugo Possolo, diretor do grupo de teatro Parlapatões, a peça ga-

nhou o nome de "Totalmente Pastelão!". Nessa montagem, que estreou no dia 21, em São Paulo, Chico Farofero e Resmelengo são moradores de rua que têm, literalmente, que re-

bolar para matar a fome e provar da deliciosa fogaça do doceiro Tartamelo.

Acabam conseguindo e dividem todo o pão com o público. É uma farrá!

A história dos dois ma-

landros não termina aí, tem ainda muita dança, música e confusão por causa de umas tortas de morango. Cuidado para não ser atingido por uma delas!

(ANDRÉA LEMOS)

"TOTALMENTE
PASTELÃO!"

ONDE Teatro Alfa;
tel. 0/xx/11/5693-4000
QUANDO Sábados e
domingos, às 17h30,
até 16/9
QUANTO R\$ 15
(crianças até 12 anos)

sãopaulo

19 a 25 de agosto de 2012

criança

CIRCO

Diversão no picadeiro

Palhaços, domadores e acrobatas fazem rir e surpreendem em diversos espetáculos

• SINDRE TINTI



4

4 ANOS

4 "Totalmente Pastelão!"

Hugo Possolo, do grupo Parlapatões, adaptou uma história medieval para o público infantil. Os personagens principais são Chico Farofero e Resmelengo, dois malandros que querem montar uma empresa de trapaçás.

Teatro Alfa - Juba B. R. Diogo Branco de Andrade Filho, 722, Savóia David Bastos, região sul, tel. 5693-4000; 300 lugares, 14h, a dom., 17h30. Alá 16/9, 30 ind., à casa, Ingr / R\$ 15 (crianças até 12 anos) e R\$ 30. Vatel 185 6 e R\$ 125. Inq / tel. 4600-1212 ou 0800 www.teatroalfa.com.br / 181 A, 14.

FOLHA guia

O ROTEIRO MAIS COMPLETO DE SÃO PAULO
20 a 26 de julho de 2012

cinema | 29

Anima Mundi completa
20 anos e exhibe
mais de 400 filmes

exposições | 90

Conheça museus que
estendem o horário
de visita até a noite

de julho de 2012

68 Guia Folha | 20 a 26 de julho de 2012

férias

TEATRO INFANTIL | Totalmente Pastelão!

Parlapatões encenam farsa sobre trapaceiros

› Maíara Camargo



Hugo Possolo/Divulgação

O autor e diretor Hugo Possolo inspirou-se numa farsa medieval do século 13 para dar forma a "Totalmente Pastelão!", espetáculo que estreia amanhã (dia 21).

Com encenação do grupo Parlapatões, a peça acompanha os passos de Chico Farofero e Resmelengo, dois moradores de rua, malandros e meio palhaços, que resolvem montar uma empresa de trapaçagens.

Além do humor físico, com tapas, socos e tombos, a peça foge de uma moral e mostra que todas as pessoas erram.

Teatro Alfa - r. Bento Branco de Andrade Filho, 722, Jardim Dom Bosco, região sul, tel. 5693-4000. 200 lugares. Sáb. e dom.: 17h30. Até 16/9. Ingr.: R\$ 15 (menores de 12 anos) e R\$ 30. Ingr. p/ tel. 4003-1212 ou p/ site www.ingressorapido.com.br. | * | & | %

Na peça, os dois malandros tentam enganar donos de doceria



Divirta-se
 01033-9034 (1617-1000)
 O ESTADO DE S. PAULO

Crianças

Ministério da Cultura Secretaria de Cultura
 APRESENTAM



TEATRO ALFA
 Rua Siqueira Basso, de Andrade Filho, 702 - Santa Amélia
 www.teatroalfa.com.br Projeto Teatro (11) 3022-4022

DOCE TRAPAÇA



No **'Totalmente Pastelão'**, de Sérgio Penna, os três irmãos (11), inspirados em uma história de Chico Farolero e Resende, fundam uma empresa de pastéis e o primeiro cliente é uma doceira.
Teatro Alfa, Sala II (2000kg), R. Siqueira Basso de Andrade Filho, 702, S. Amélia, 3002-4022, São e dom., 17h30. R\$ 30. Alé 16/9. Insc. a partir de 4 anos. S1106.

Crianças



Divirta-se
 01033-9034 (1617-1000)
 Jornal da Tarde

DOCE TRAPAÇA



No **'Totalmente Pastelão'**, de Sérgio Penna, os três irmãos (11), inspirados em uma história de Chico Farolero e Resende, fundam uma empresa de pastéis e o primeiro cliente é uma doceira.
Teatro Alfa, Sala II (2000kg), R. Siqueira Basso de Andrade Filho, 702, S. Amélia, 3002-4022, São e dom., 17h30. R\$ 30. Alé 16/9. Insc. a partir de 4 anos. S2106.

Rua Siqueira Basso de Andrade
 702-4022, São e dom., 17h30.
 R\$ 30, a partir de 4 anos.

Teatro

última semana

POP
 No cartão de uma empresa de pastéis, os três irmãos (11) fundam uma empresa de pastéis e o primeiro cliente é uma doceira.
Teatro Alfa, Sala II (2000kg), R. Siqueira Basso de Andrade Filho, 702, S. Amélia, 3002-4022, São e dom., 17h30. R\$ 30. Alé 16/9.

O Menino Mais Rico do Mundo
 Uma história de um menino que se torna o menino mais rico do mundo.
Teatro Alfa, Sala II (2000kg), R. Siqueira Basso de Andrade Filho, 702, S. Amélia, 3002-4022, São e dom., 17h30. R\$ 30. Alé 16/9.

O Burguês Fidalgo

Teatro

Milena Emilião

Consulte
+100
espetáculos em
VEJASO PAULO.COM

ESTREIAS

Coração Bandoleiro

Leonora (Luciana Ramanzini), uma milionária cardíaca, decide comprar o coração de um rapaz (Marco Aurélio Campos) por 1 milhão de dólares. O filho do enfermeiro da ricaça, que é suicida, aceita a proposta, demonstrando o peso que o dinheiro tem sobre a vida e a morte. O **suspense cômico** é dirigido por Roberto Lage (80min). 16 anos. *Teatro Cacilda Becker* (195 lugares). Rua Tito, 295, Lapa. ☎ 3864-4513. & Sexta e sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 20,00. A bilheteria abre uma hora antes. Até 13 de outubro. Estreia prometida para sexta (30).

Intimidades

Os atores Roberta Alonso e Otto Jr. interpretam um casal unido há nove anos. Os sentimentos desse relacionamento são expressos no **drama** dirigido por Bruce Gomlevsky (70min). 16 anos. *Teatro Eva Herz* (166 lugares). Avenida Paulista, 2073 (Conjunto Nacional). ☎ 3170-4059. ☎ Consolação. & Terça e quarta, 21h. R\$ 40,00. Bilheteria: 14h/21h (ter. a sáb.). Cc: todos. Cd: todos. IC. Até 16 de outubro. Estreia prometida para quarta (28).

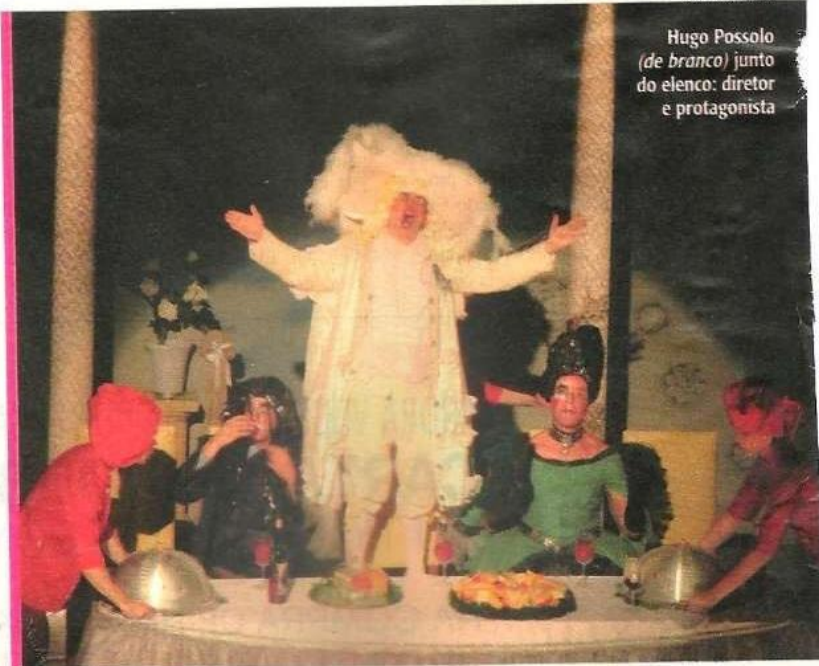
Prof! Prof!

Jandira Martini interpreta uma ex-professora que narra fatos da sua vida enquanto discute o antigo estilo de ensinar. A direção da **comédia** é de Celso Nunes para texto do dramaturgo belga Jean Pierre Dopagne (85min). 12 anos. *Teatro do Sesc Ipiranga* (200 lugares). Rua Bom Pastor, 822, Ipiranga. ☎ 3340-2000. Sábado, 21h; domingo, 18h. R\$ 30,00. Bilheteria: 9h/22h (ter. a sáb.); 10h/19h (dom.). Ingressos também em toda a rede Sesc. Até 29 de setembro. Estreia prometida para sábado (31).

REESTREIAS

Cruel

Adaptação e direção de Eliás Andreato para a peça de August Strindberg (1849-1912). O **drama** retoma temporada de poucas apresentações. Escrita pelo autor sueco em 1888, a história de um ambíguo triângulo amoroso ganha versão protagonizada por atores



JANAYNA OLIVEIRA
Hugo Possolo
(de branco) junto
do elenco: diretor
e protagonista

Burguês sem cultura

Os Parlapatões encontram em uma comédia de Molière o pano de fundo para criticar a sociedade brasileira

AVALIAÇÃO ★★★

Grupo que leva o humor a sério há mais de vinte anos, o Parlapatões só agora monta seu primeiro espetáculo do dramaturgo francês Molière, **O Burguês Fidalgo**. Na comédia musical, Sr. Jordain (papel de Hugo Possolo, também diretor e cenógrafo da montagem) é um homem que enriqueceu e não possui títulos de nobreza ou bons modos. Ele contrata professores de filosofia, de esgrima e de música para deixá-lo mais refinado. Mas as pessoas só querem tirar proveito de sua fortuna e de sua ingenuidade. A única que percebe isso é sua mulher, Sra. Jordain (interpretada pelo sempre impagável Raul Barretto). Há ainda o fato de a filha do casal ter se apaixonado por um pobretão. Como é comum nas comédias de Molière, uma grande e mirabolante farsa resolve a trama.

Farra talvez seja a melhor definição para o que o elenco faz no palco. Eles se divertem com as insanidades que propõem em cena e toda a plateia entra no clima. Se o pano de fundo da história critica a emergente riqueza do Brasil, os figurinos, os cenários e os toscos acessórios estão ali justamente para revelar a falta de brilho que há na opulência sem inteligência. A narrativa se passa no século XVII, mas o grupo renova o texto ainda mais com momentos de improvisação (90min). 16 anos. Estreou em 3/8/2013. Espaço Parlapatões (96 lugares). Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação. ☎ 3258-4449, ☎ República. & Sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 30,00. Bilheteria: 16h/22h (ter. a dom.). IR. Até 27 de outubro.

Caderno 2

Teatro

Peça arrecada fundos para recuperar a Sbat

Maria Eugênia de Menezes

Acontece hoje no Teatro Municipal, às 21 horas, uma sessão especial de *O Burguês Fidalgo*. Encenada pelos Parlapatões, a peça já cumpriu temporada na cidade, mas retorna agora com um intuito especial: arrecadar renda para a Sbat - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. As vésperas de seu centenário, que ocorre em 2017, a instituição enfrenta uma das mais graves crises de sua história. Em março, o diretor Aderbal Freire-Filho, que di-

rigia o conselho de notáveis responsável pela instituição, veio a público relatar o quadro de penúria em que se encontra a sociedade: dívidas de mais de R\$ 8 milhões e um passivo trabalhista. O próprio Freire-Filho já gastou mais de R\$ 100 mil do próprio bolso e teve sua conta bancária bloqueada pela justiça. "Mas é um absurdo uma instituição como essa acabar", considera o dire-

tor. "Estamos trabalhando com a classe pela renovação da sociedade, renegotiando as dívidas trabalhistas e com um projeto tramitando no Congresso pelo perdão da dívida tributária."

"A apresentação de *O Burguês Fidalgo* deve ser apenas a primeira de uma série de outras ações da classe", diz Hugo Possolo (foto), dos Parlapatões. Além de Possolo, outros artistas paulistas estão engajados na recuperação da Sbat e criaram um grupo de trabalho. Entre eles, estão Ivam Cabral, diretor dos Satyros, e o dramaturgo Marici Salomão.



acontece

• política • rússia • regular • •••• boat • •••• silver • 5 sem avaliação

Luana Pinheiro/Colagem

CRÍTICA COMÉDIA

Hugo Possolo atualiza enredo e destaca-se na montagem de 'O Burguês Fidalgo'

MARCO AQUINO
@marcoaquino

Encenas comédias de autores consagrados pelo cânone é tarefa árdua. Há dois caminhos possíveis: fidelidade ao texto original ou atualização. Os Parlapatões escolheram o entremeso para montar "O Burguês Fidalgo", do autor francês Molière (1622-1673). A revitalização da peça é feita por meio de inserções textuais ligeiras, piadas de efeito imediato que relacionam o cotidiano contemporâneo com a sátira do século

17, mas que não deturpam a dramaturgia original. Alusões à vida moderna são introduzidas sem apertar, coladas no texto de Molière de modo sutil. Perfeito, não fosse a comichão oriunda quase que exclusivamente de Hugo Possolo, protagonista e diretor do grupo. Interpretando Senhor Joadain, o personagem do título, ele acumula para si as melhores tiradas. Palhaço nato, Possolo destoa dos outros atores, pois é muito mais efetivo tanto em extrair graça das gags criadas

por ele quanto dos diálogos espirituosos de Molière. Rápido, com tempo de comédia exato, está em sua plenitude. Sem ele no foco, porém, a encenação perde a força. O debate entre os professores de música, de dança, do mestre de esgrima e do filósofo em torno da soberania de suas disciplinas, um dos pontos altos da peça, carece de potência dramática. O figurino de Cássio Brasil não enche os olhos, mas foi elaborado de acordo com a proposta: mescla a pompa aristocrática de vestidos de

época com a extravagância de petucas feitas de fitas de vídeo e acessórios do dia a dia. Pequenos detalhes de maquiagem combinam a realidade clownesca do grupo com a paródia à fidalguia. A comédia-batê tem vários números musicais, funcionais para quem prefere breve distração. Mas a estrela está mesmo em Possolo. Com Molière, que dirige e atua nesta peça, chama para ele a responsabilidade do todo.

O BURGUEZ FIDALGO
QUANDO ter. e sáb., às 21h, óem, às 20h
ONDE Espaço Parlapatões (pça. Franklin Roosevelt, 158) tel. 3258-4449
QUANTO R\$ 30
CLASSIFICAÇÃO 16 anos
AVALIAÇÃO bom



Raul Barretto (esq.) e Hugo Possolo em 'O Burguês Fidalgo'

Até que deus é um ventilador de teto



C4 ilustrada ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

Parlapatões apostam no delírio filosófico

Grupo, habituado à comédia, discute problemas urbanos no drama nonsense 'Até que Deus É um Ventilador de Teto'

Dramaturgo e ator Hugo Possolo vive jornalista de rotina sufocante que passa a ser assolado por questões existenciais

MARIA LUIZA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

Sentado ao volante, ao se deparar com o morador de rua que pede uns trocados no semáforo pelo qual passa diariamente, um homem se questiona: e se aquele sujeito vestido de trapos for na verdade Deus disfarçado de mendigo?

É um pouco do delírio filosófico pelo qual passa o personagem de "Até que Deus É um Ventilador de Teto", nova montagem do grupo Parlapatões, que estreia nesta semana em São Paulo.

O homem em questão (papel de Hugo Possolo) é um redator de jornal. Vive enfurnado na rotina entre escritório, trânsito e família.

Em meio ao burburinho e ao corre-corre da cidade, imagina à sua frente um anzol: uma oportunidade de fugar aquela isca e escapar da sua realidade sufocante.

A partir daí já não se sabe ao certo se o que o protagonista narra é realidade ou fruto de sua imaginação. Colocado frente a frente com a vio-



Hugo Possolo (sentado) e Raul Barreto, do grupo Parlapatões, em cena da peça 'Até que Deus É um Ventilador de Teto'

lência urbana, questiona o que seria para ele o mendigo (Raul Barreto). Deus ou um reflexo da discrepância social em que vive? Ou seria Deus uma coisa tão banal como o ventilador de teto do título?

"A gente não costuma falar de religião no sentido mais

filosófico, da questão da existência, de pensar 'onde estou?' e 'para onde vou?'. É isso que o texto propõe", explica Possolo, que assina a dramaturgia. "Não é discutir se Deus existe ou não, mas qual o nosso lugar no mundo e o que queremos dele."

Em dado momento, o mendigo conta ao protagonista uma fábula. Mas, em vez de revelador, o final se mostra sem pé nem cabeça. Ao que o pedinte comenta: "Todo mundo procura um sentido, mas não tem sentido, não". "Apesar de ter um pezinho

no realismo [o aspecto de crítica social], a peça tem um lado bem absurdo", completa o diretor Pedro Granato.

O personagem de Possolo passa boa parte da história cercado de uma redoma de acrílico, que faz as vezes de carro, casa e escritório. É co-

mo se ele se afogasse nesse aquário, conta Granato. Ali, recebe diversos estímulos: luzes que simulam o trocar de cores de um semáforo, barulhos de engarrafamento.

"O texto é bastante fragmentado, e quisemos fazer uma leitura visual e sensorial bem forte", diz o diretor. "É uma peça bem sinestésica."

PALHAÇO

Fundado em 1991, o Parlapatões ficou conhecido por espetáculos cômicos e pelo uso da estética de palhaço. Uma linguagem bem distante do que se vê em "Até que Deus É um Ventilador de Teto", 57ª montagem do grupo.

De acordo com Possolo, essa guinada para o dramático tem a ver com a chegada da companhia à praça Roosevelt (no centro de São Paulo), há 14 anos, e o contato com outros grupos que também têm sede no local.

"Não é artístico se não arriscar", afirma o ator. "É minha história inicial com o teatro é muito ligada à poesia."

ATÉ QUE DEUS É UM VENTILADOR DE TETO

QUANDO qui. a sáb., às 21h, dom., às 19h; até 13/9
ONDE Sesc Pompéia, r. Clélia, 93.
tel. (11) 3871-7700
QUANTO R\$ 7,50 a R\$ 25
CLASSIFICAÇÃO 14 anos

Foto: Linaur Pombal/Altagracia

Hugo Possolo
(à esquerda) e
Raul Barretto
durante a peça



CRÍTICA TEATRO/DRAMA

Peça diz o que ninguém quer dizer sobre dor da paternidade

Hugo Possolo interpreta homem perdido depois da independência do filho

GUSTAVO FIORATTI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A palavra "sujeito" é uma precisidade da língua portuguesa, transmuta-se de acordo com o verbo que a acompanha. "Ser [o] sujeito" é diferente de "estar sujeito".

A peça "Até que Deus É um Ventilador de Teto", nova investida dos Parlapatões, se desdobra sobre o segundo destes dois significados.

A peça abre com a cena de um anzol descendo sobre a cabeça do protagonista, homem comum numa cidade louca, prestes a ser fígado, não importa por quem.

Autor do texto, Hugo Possolo assume o papel. A dire-

ção é de Pedro Granato.

No intento de expor um estado da alma cujos vetores convergem para a sugestão de um ciclo (o do homem metafísico), a peça é obrigatória.

Ela diz o que ninguém quer dizer, expõe dores estranhas, destrói velhas simbologias da paternidade. Dedicada-se não exatamente à figura de um pai, mas a de um homem que perdeu essa importância, destituído de significância após a independência do filho.

O personagem navega pela cidade em um carro confortável, flutua, mas não percebe a sensação de levantar como condição de liberdade. Enquanto dirige, perde contato. Sequestrado por

um esquizóide de rua (Raul Barretto), termina arrastado involuntariamente para uma espécie de exílio da realidade, sob a luz fantástica que atravessa as pás de um ventilador de teto. Com desenhos precisos, a iluminação de Aline Santini faz um artesanato rico de metáforas.

BÍBLICO

A menção a Deus desvia a atenção para uma paródia bíblica. Entre o Senhor (o Pai) e Jesus (o filho), sobra em cena essa espécie de José, aquele que perdeu seu papel no meio da narrativa, ou que assim pode ser visto, inclusive por si próprio. É interessante que a peça

associe a sensação trágica da perda de significância à paternidade, falando inclusive de culpas e medos, mas seu sentido filosófico abrange qualquer perturbação animal do sujeito que se perde na devoção ao outro (ao filho, a Deus, à mulher, ao dinheiro e daí por diante). A voz cômica de Possolo ganha tratamento peculiar, fica opaca.

ATÉ QUE DEUS É UM VENTILADOR DE TETO

QUANDO qui. a sáb., às 21h, dom., às 19h, até 13/9

ONDE Sesc Pompéia, r. Clélia, 93, tel. (11) 3871-7700

QUANTO R\$ 7,50 a R\$ 25

CLASSIFICAÇÃO 14 anos

AValiação ótimo ★★

CRI

Be
é i

COLA

B

nov

cul

essa

Ass

N

Nel

dos

met

mot

do g

o ní

bicc

Ara

corn

foi i

de t

O

dra

pel

cost

bat

mo,

sa, t

sem

lista

dir

ond

E

Parl

corn

reci

cida

da t

inte

sem

T

se a

do t

dos

Os 1



Teatro

Dirceu Alves Jr.

Consulte
+100
espetáculos em
VEJASAO PAULO.COM



Hugo Possolo
e Raul Barretto:
o homem comum
e o Todo-Poderoso

Um drama contemporâneo

Como autor e protagonista, Hugo Possolo propõe uma melancólica reflexão em *Até que Deus É um Ventilador de Teto*.

AVELIAÇÃO ○○○○○

Escrita por Hugo Possolo, a peça **Até que Deus É um Ventilador de Teto** é vendida sob o carimbo de comédia dramática. Mas exato seria defini-la como um pungente drama contemporâneo sobre um homem angustiado e impotente diante da realidade. As poucas risadas que o público dá resultam da tensão que envolve um jornalista (muito bem representado pelo autor) em crise pessoal e profissional. Os problemas não são poucos. O trabalho ficou medíocre, o casamento perdeu o encanto e o filho, um tanto indiferente, está prestes a voltar de uma temporada fora do país. Para completar, o protagonista vive atormentado pela insegurança nas ruas. Diariamente, ele avista em um semáforo um mendigo de olhos claros (papel de Raul Barretto), que, em sua fantasia, poderia ser Jesus Cristo disfarçado na terra. A aproximação entre os dois personagens faz a

história tomar um novo caminho, que surpreende o espectador e aumenta ainda mais o caráter melancólico da reflexão proposta. A direção de Pedro Granato é uma embalagem inteligente para o texto e tem como principal acerto limpar qualquer traço cômico de Possolo, tão marcado pelas montagens de palhaços do grupo Parlapatões. Na sequência do monólogo tragicômico *Eu Cão Eu* (2013), Possolo mostra como autor e intérprete a inquietação de se renovar. Mais que isso, a disposição de se entregar às orientações de um diretor em um terreno em que não costuma transitar com tanto conforto, o dramático (65min). 14 anos. Estreou em 27/8/2015. Espaço Parlapatões (98 lugares). Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação, ☎ 3258-4449. República. Sábado, 22h15. R\$ 40,00. Bateria: 18h/21h (te: a dom). IR. Até 5 de dezembro.

Até que Deus É um Ventilador de Teto ★★★

Texto: Hugo Possolo. Direção: Pedro Granato.
Com: Hugo Possolo e Raul Barretto. 60 min.
14 anos.

A montagem do grupo Parlapatões fala de um jornalista de 50 anos que, de dentro de seu carro, imagina que o vendedor de balas no semáforo possa ser um Deus que desceu à Terra para observar a vida dos homens.

Espaço Parlapatões - pça. Franklin Roosevelt,
158, República, tel. 3258-4449. Sáb.: 18h.
Até 10/10. Ingr.: R\$ 40. Ingr. p/ 4003-1212
ou ingressorapido.com.br. | ✳ | ♿ | ♿

Os Mequetrefe



Crianças

Mariana Rosário

+60
atrações
infantis em
VEJASAO PAULO.COM



O quarteto:
improviso e boas
sacadas de texto

Foto: G. Neri

Palhaçada cotidiana

Os Mequetrefe (assim, sem plural mesmo) ensina a ver graça em eventos como tomar café, trabalhar e andar de avião

AVALIÇÃO ○○○○○

Aos olhos das crianças, o dia a dia de agente grande pode parecer bem enfadonho. Afinal, qual é a graça de tomar tanto café, pegar ônibus e ir trabalhar? Na interpretação de quatro palhaços xarás, os Dias, essas ações cotidianas são oportunidades para aprontar muito. Sob a direção de Alvaro Assad, os bons atores Raul Barretto, Hugo Possolo, Fabek Capreri e Alexandre Bamba, protagonistas de *Os Mequetrefe*, arrancam gargalhadas do público. Contribuem para a diversão as boas sacadas do texto e o improviso com os elementos de cena. Uma

escada, por exemplo, transforma-se em avião, móveis de cozinha e até navio. Ao fugir das piadinhas circenses e buscar a identificação dos pais e mães na plateia, a montagem demonstra maturidade, sem perder a inocência da perspectiva infantil sobre a vida (60min). Rec. a partir de 5 anos. Estreou em 18/10/2015.

Espaço Parlapatões (98 lugares): Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação, ☎ 3258-4449. Sábado e domingo: 17h. R\$ 20,00. Cc: M e V; Cd: todos. Bilheteria: 16h/21h (ter: a qui.); 16h/0h (sex.); a partir das 16h (sáb. e dom.). Até 1º de maio.

25/02/16

CRÍTICA | Os Mequetrefe **

Palhaços-poetas fazem circo do cotidiano em peça

› Mônica Rodrigues da Costa



Fotos de Luiz Dore/Diáspora

O espetáculo da companhia Parlapatões, Patifes e Paspalhões fica em cartaz até dezembro

Quatro palhaços, todos de nome "Dias", vivem um enredo cheio de ironias no estilo de Ionesco, em que a realidade parece um sonho com origem na "cápsula de cor" que é o picadeiro, nas palavras de uma criança ao definir "circo".

Os atores, do premiado grupo paulista Parlapatões, Patifes e Paspalhões, são dirigidos por Alvaro Assad, da companhia Etc e Tal.

Crianças e adultos surpreendem-se com o circo reinventado dos artistas, em pleno domínio da interpretação cômica, Hugo Possolo, Raul Barreto, Alexandre Bamba e Fabek Capreri.

Os Dias desenvolvem piadas nonsenses sobre o dia a dia, desde acordar, escovar os dentes e ir ao trabalho até viajar em aviões e outros veículos, feitos de tonéis, escadas e bacias por meio de jogos de montagem do elenco e de seus

trocadilhos linguísticos e gestuais.

O café da manhã é realizado com mágicas mequetrefes, em que os atores usam bules e copos e provocam risos porque remetem ao repertório histórico dos ilusionistas.

Os palhaços que entendem tudo ao pé da letra são engraçados ao dormir em luta contra o despertador ou quando se cumprimentam trocando de casacos. Como nos outros números, misturam palhaçadas típicas, rimas, sátiras e piadas sobre política.

Avaliação: **

Indicação do "Guia": a partir de 6 anos.

Espaço Parlapatões - pça. Franklin Roosevelt, 158, República, tel. 3258-4449. Ter.: 21h. Sáb. e dom.: 17h. Até 6/12. 50 min. Livre. Ingr.: R\$ 20. CC: todos. Ingr. p/ 4003-1212 ou ingressorapido.com.br. | * | & | ¶ | ¶ | ¶

Agora C1

Show!

Terça-feira, 3 de novembro de 2015

TEATRO

Divulgação



Palhaços contam o seu cotidiano

R\$ 20 O ator Hugo Possolo (foto) faz parte do elenco de "Os Mequetrefe". Em cartaz no Espaço Parlapatões, o espetáculo mostra como foi o dia na vida de quatro palhaços. (LV)

"Os Mequetrefe" Ter., às 21h. Sáb. e dom., às 17h. No Espaço Parlapatões (praça Franklin Roosevelt, 158, centro, tel. (11) 3258-4449). R\$ 20. Livre. Até 6/12.

DIÁRIO

viva

Divulgação



OS MEQUETREFE

Quatro palhaços vivem a jornada de um longo e divertido dia. Do despertar à hora de ir dormir, vivem muitas aventuras, revelando como a desconstrução da lógica cotidiana pode abrir espaço para outras maneiras de encarar a vida.

Hoje, às 17h, Espaço dos Parlapatões (Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação). R\$ 20 (R\$ 10, meia). Tel.: (11) 3258-4449. Classificação Indicativa: Livre.

veja São Paulo

vejasapaulo.com
28 de setembro de 2016



CRIANÇAS

Gabriel Bentley

CIRCO EM DUAS VERSÕES

Leixada ao palco pelos Parlapatões, que completam 25 anos de trajetória em 2016, a peça **Os Mequetrefe** traz os atores Alexandre Bamba, Fabek Capreni, Hugo Possolo e Raul Barretto como personagens xarás, os Dias. Os palhaços brincam com os objetos para mostrar que é possível encarar a vida "de adulto" com mais diversão (50 min). Rec. a partir de 5 anos. Sesc Santana, Avenida Luiz Dumont Vilares, 579. ☎ 2971-8700. Domingo, 14h. R\$ 17,00. Grátis para menores de 12 anos. Até 23 de outubro. Não haverá sessão no domingo (2).

A temática do picadeiro dá o tom do **Teatrando**, exibido no Shopping Ibirapuera, sempre às 15h. A entrada é grátis, basta chegar com quinze minutos de antecedência. Neste domingo (25), a Trupe La'Cuna de Variedades prepara diversas mágicas e truques circenses. Seguindo a mesma receita, o palhaço Fonço apresenta-se no sábado (1º). No domingo (2), é a vez de o De Mentira fazer sua exibição, com ilusionismo e trapalhadas. Shopping Ibirapuera. ☎ 5095-2900. Grátis.

Os Parlapatões e Fonço (Diano Franca, no detalhe): 25 anos de atividade



O Rei da Vela

Parlapatões estreiam o seu 'Rei da Vela'

Hugo Possolo acalentou projeto por quatro anos e o postergou após anúncio da remontagem histórica do Oficina

OBRAS-PRIMAS DO
CINEMA

CLÁSSICOS E RARIDADES
EM DVD E BLU-RAY
A PARTIR DE

R\$ 8,90



livrariadafolha.com.br/obrasprimas

Livraria da Folha
www.livrariadafolha.com.br

☎ telefones
0800.140090
(11) 3224-4700

📱 WhatsApp

Grupo revê o texto em chave circense e inclui personagem de Oswald de Andrade, autor da peça, como narrador

AMANDA RIBEIRO
DE SÃO PAULO

Escrito por Oswald de Andrade em 1933, "O Rei da Vela" critica a sociedade da época a partir da história de Abelardo F., agiota inescrupuloso que faz fortuna empobrecendo os já miseráveis endividados com a crise de 1929. Mas é claro que, quando pôs as mãos no texto pela primeira vez, aos 11 anos, Hugo Possolo não pôde entender boa parte dessas críticas.

Apesar disso, conta o diretor dos Parlapatões, a história o fascinou. Ele guardou o fascínio para si até 2014, quando decidiu que "a crise que se aproximava do país" tomava a montagem necessária.

Quatro anos depois, o grupo estreia sua versão da peça, com Possolo na direção e no papel principal, a partir desta sexta (13), em São Paulo.

Segundo Possolo, a montagem foi sendo postergada enquanto o grupo não conseguia reunir recursos suficientes para bancar a temporada.

Quando conseguiram, receberam a notícia de que José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina, planejava remontar sua versão histórica da peça, de 1967. Decidiram segurar. "Essa montagem é essencial, é uma virada na história do teatro brasileiro."

Apesar da importância da versão do Oficina, Possolo diz não se preocupar muito com as inevitáveis comparações. "As coisas vão ser diferentes porque a gente é diferente."

Essas diferenças começam na estética: seguindo a marca circense do grupo, os atores usam uma maquiagem que remete à dos palhaços.

O Abelardo de Possolo também incorpora o cinismo típico de um bufão. A justificativa vem do texto original: quando criou o protagonista, Oswald pensava em Abelardo Pinto, o palhaço Piolim.

Não por coincidência, Possolo interpretou Piolim em uma peça de 1997 dos Parlapatões.

AMIGO DA ONÇA

A ideia, no entanto, não é se limitar à figura do palhaço. "Seria muito cômodo, então acabei adotando um pouco de outros personagens da época, como o Amigo da Onça, do Péricles", diz Possolo.

A dramaturgia também foi adaptada para resumir as quase três horas e meia de peça — no caso da montagem do Oficina — em uma hora e meia. Diálogos foram suprimidos, e o primeiro e o segundo atos foram condensados.

As transições entre cenas foram feitas principalmente com o uso de músicas, interpretadas pelos atores com a ajuda de uma banda ao vivo.

A direção musical de Fernanda Maia incluiu desde "Chiquita Barcana", dos anos 1940, até hits atuais, interpretados por Anitta e Ludmilla.

A montagem também incorpora elementos extratexto: algumas rubricas (instruções do autor para a encena-

ção) e notas de rodapé do texto original serão interpretadas por um personagem que se identifica como o próprio Oswald de Andrade. Vivido por Nando Bolognesi, ele atua como narrador.

Apesar de fazer referências ao momento político atual, a peça não se pauta por ele.

"Faço uma piada aqui e ali, mas não vou a fundo. Houve no Brasil nos últimos anos uma imbecilização geral: as pessoas não pensam mais. Então, se denomino e apresento na peça pessoas que acho ridículas, sinto que estou dando voz a elas."

Para ele, no entanto, a crise que o país enfrenta é o que justifica a importância da montagem. "Precisamos reconstruir nossa identidade, e pensadores como Oswald são essenciais para isso."

O REI DA VELA

QUANDO sex. e sáb., às 21h; dom., às 18h; até 6/5

ONDE Sesc Santana, av. Luiz Dumont Vilares, 579, tel. (11) 2971-8700

QUANTO R\$ 9 a R\$ 30; 14 anos

André Stefanini/Divulgação



Camilla Turim e Hugo Possolo em cena da montagem

ARCÊNICO



JOÃO WADY CLAY
E MAIL: JOAO@OFFICINADETEATRO.COM
BLOG: O TEXTO ESTÁ DO LADO DE DEUS DO ARCAZENHO

Entrevista Hugo Possolo
Ator e diretor do grupo Parlapatões

Parlapatões mostram um novo olhar sobre 'O Rei da Vela'

Uma das peças mais simbólicas do teatro brasileiro vai parar na Praça Roosevelt. *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, depois de marcar a história do Teatro Oficina desde a primeira encenação, em 1967, está sendo montada pelo grupo Parlapatões e tem estreia marcada para 13 de abril, no Sesc Santana. Depois segue para nova temporada na sede do grupo. Fundador dos Parlapatões com Raul Barretto, o diretor

Hugo Possolo é também protagonista, palhaço bufão, e fala sobre o seu olhar para a peça.

● **O Rei da Vela sempre foi propriedade afetiva do Oficina. Por que decidiu montar?**

Quando tinha 11 anos, li *O Rei da Vela*. Com o tempo, e sempre ouvindo que os Parlapatões têm espírito anárquico, como os grupos Oficina e Ornitórrinco. Fiz uma adaptação em 1996 para uma turma de formandos da Unicamp. Viajamos para a

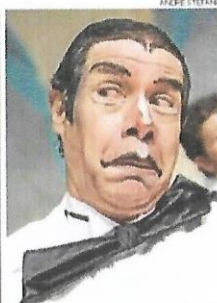
Espanha e Portugal com a peça. E aquilo ficou na minha cabeça. Queria fazer uma montagem com o meu grupo.

● **Mas um palhaço fazendo *O Rei da Vela*?**

Nada mais justo. Oswald criou o protagonista, Abelardo I em homenagem ao grande palhaço Piolin, Abelardo Silva (1897-1973). E colocou nele os ingredientes de um palhaço, o Piolin, e de um bufão - o próprio Oswald; era assim que agia no meio da intelectualidade. O palhaço trabalha no eixo da alegria, o bufão, no da dor.

● **Quando decidiu montar a peça?**

Caiu a ficha em 2014, com a Copa do Mundo no Brasil. E foi antes mesmo do 7 a 1 contra a Alemanha. O teatro é muito sensível ao público e logo percebi que os teatros



Abelardo I. Hugo Possolo

começavam a ficar vazios. A conclusão foi imediata: a crise está aí, mesmo com a festa toda em torno da Copa. Vai piorar nos próximos dois anos, e a crise financeira levou à crise institucional e política do País nos dois anos

seguintes. Mantive por quatro anos os direitos garantidos.

● **O que você quer falar com *O Rei da Vela*?**

A grande potência da peça é que Oswald revela uma gigantesca falta de humanidade da sociedade. Como diz Oswald, continuamos em um país semicolonial, medieval. Minha montagem encara a incapacidade da classe média de ver a crise. Quando o momento é de bonança, ela sonha em ser elite e se alia. Quando o problema vem para ela, faz papel de oprimido. E a classe média está desorientada com a fissura política que vivemos hoje.

● **José Celso, do Oficina, gostou da ideia da peça?**

Curtiu muito, falou que todo mundo tem que montar. Até porque agora o texto cairá em domínio público. Para mim

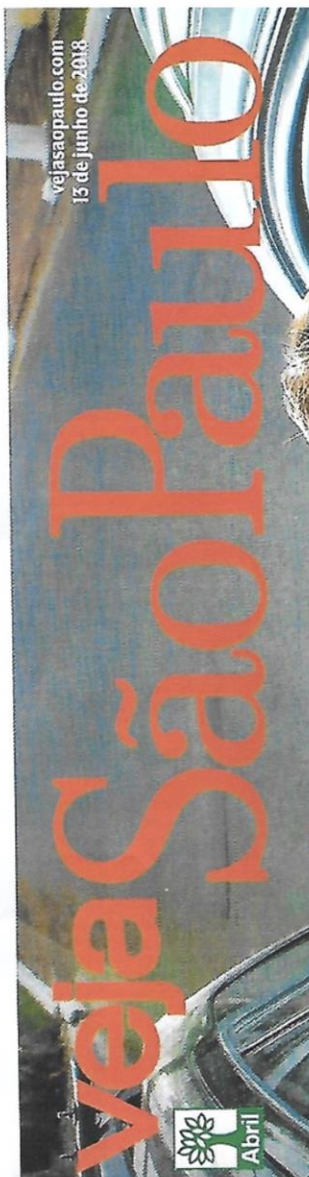
foi um presente ver a montagem do Zé Celso no ano passado. Depois pensei: "Que bom que nossa montagem ficaria para depois. Me libertei para criar a minha encenação com o olhar dos Parlapatões".

● **O Oficina inspirou o tropicalismo. E os Parlapatões?**

Nossa montagem tem muita música, Tropicalista, claro. E teatro musicado. Teremos uma banda ao vivo.

● **Elenco grande, não?**

Sim, é uma exceção. Os elencos grandes sumiram do teatro brasileiro em função de baratear as produções. Nossas montagens são assim, como foi *O Papa e a Bruxa*, de Dario Fo, e *O Burguês Piadão*, de Molière, sempre com elencos grandes com os quais viajamos o Brasil.



As sete melhores em cartaz

★★★★ O Escândalo Philippe Dus-saert. Marcos Caruso dá um show refinado no monólogo de Jacques Mougenot. *Teatro Faap. Quinta a sábado, 21h; domingo, 18h. R\$ 80,00.*

★★★★ Chaplin, o Musical. *Leia mais na pág. 82.*

★★★★ A Pequena Sereia. Fabi Bang, Tiago Abravanel e Andrezza Massei são destaques deste encantador musical. *Teatro Santander. Quinta e sexta, 21h; sábado, 16h e 20h; domingo, 15h e 19h. R\$ 75,00 a R\$ 280,00. IR.*

★★★★ A Profissão da Sra. Warren. Clara Carvalho e Karen Coelho brilham na comédia dramática de Bernard Shaw. *Grande Auditório do Masp. Sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 30,00 e R\$ 50,00. IR. 60,00. IR.*

★★★★ A Alma Imoral. Ciarice Niskier protagoniza o monólogo adaptado do livro de Nilton Bonder. *Teatro Eva Herz. Terça e quarta, 21h. R\$ 70,00. IR.*

★★★★ Bibi, uma Vida em Musical. *Leia mais na pág. 82.*

★★★★ O Rei da Vela. Também protagonista do espetáculo, Hugo Possolo acertou ao dirigir uma nova versão da comédia de Oswald de Andrade. *Espaço Parlapatões. Sexta e sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 30,00 e R\$ 40,00. IR.*



DIRCEU ALVES JR.
Na Plateia

Tudo sobre teatro

Cultura & Lazer

Os Parlapatões e um outro “Rei da Vela”

O grupo liderado por Hugo Possolo monta uma festiva versão da obra-prima de Oswald de Andrade com elementos circenses e do teatro de revista

Por Dirceu Alves Jr.
© 24 maio 2018, 12:08



...



Camila Turim e Hugo Possolo (Luiz Doro Neto/Divulgação)

Causou até espanto a notícia de que o ator Hugo Possolo, líder do grupo Parlapatões, dirigiria uma nova versão da comédia **O Rei da Vela**. Consagrada pelo **Teatro Oficina** em 1967, a peça de Oswald de Andrade ganhou um festejado revival pelas mãos do mesmo Zé Celso Martinez Corrêa no fim do ano passado e ainda rende pano para mangas em temporadas pelo Brasil.

+ Leia sobre O Rei da Vela, do Teatro Oficina.

A nova adaptação, no entanto, só vem para celebrar a diversidade do teatro e as múltiplas possibilidades de leitura para um grande texto. A trama do inescrupuloso empresário Abelardo 1º (representado por um impecável Possolo), que se aproveita da crise financeira do país para emprestar dinheiro à população com juros altíssimos, está intacta. A montagem, porém, insere na encenação elementos circenses e do teatro de revista, identificando o Brasil como um grande picadeiro.

A direção musical de Fernanda Maia, também no elenco na pele de Dona Poloca, contrasta sucessos de Gilberto Gil, Rita Lee, Anitta e até Marina Lima em uma hábil costura. Por vezes, uma poluição de elementos toma conta da apresentação. Os atores, no entanto, pintam e bordam, muito à vontade. Entre os intérpretes, os destaques são Camila Turim, que dá vida a uma original Heloísa de Lesbos, Fernando Fecchio, ótimo como um bipolar Totô Fruta do Conde, e Nando Bolognesi, transformado em um Oswald de Andrade que circula pelo tablado e dialoga com suas criaturas (85min). 14 anos. Estreou em 13/4/2018.

+ Espaço Parlapatões. Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação. Sexta e sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 30,00 (sex.) e R\$ 40,00 (sáb. e dom.). Até 15 de julho. A partir deste sábado (26).

Roteiro de Teatro

> Amanda Ribeiro
 amanda.marques@grupofolha.com.br

Avaliação pelos críticos da "Ilustrada"

- ★ ruim
- ★★ regular
- ★★★ bom
- ★★★★ muito bom
- ★★★★★ ótimo

Estreias

Eu Sei Exatamente como Você se Sente

Texto: Neil Bartlett. Direção: Inês Aranha e Zé Henrique de Paula. Com: Fabio Redkowitz, Paulo Olyva, Pedro Silveira e Zé Henrique de Paula. 70 min. 14 anos

Construído a partir de uma série de monólogos do dramaturgo britânico Neil Bartlett, o espetáculo discute o que é ser homossexual nos tempos atuais.

Teatro do Núcleo Experimental - R. Barra Funda, 637, Barra Funda, região central, tel. 3259-0898. Ter. e qua.: 21h. Estreia 17/4. Até 30/5. Ingr.: R\$ 40.

A Resistível Ascensão de Arturo Ui

Texto: Bertolt Brecht. Adaptação: Bruna Longo. Direção: Kleber Montanheiro. Com: Anna Toledo, Bruna Longo, Daniela Flor e outros. 90 min. 12 anos.

A Cia. da Revista encena o texto do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, que satiriza a ascensão do nazismo na Alemanha, mas transfere os acontecimentos para a realidade da América Latina. Na trama, o gângster Arturo Ui se aproveita da fragilidade política causada pela crise econômica para subir ao poder.

Espaço Cia da Revista - Al. Nothmann, 1.135, Campos Elíseos, região central, s/ tel. 90 lugares. Sáb.: 21h. Dom.: 20h. Estreia 14/4. Até 6/5. Estac. R\$ 10. ciadarevista.art.br. GRÁTIS | ♻️ | ♿

Reestrias

Parlatões



André Stefano/Divulgação

Camila Turim e Hugo Possolo em cena do espetáculo

ESTREIA | O Rei da Vela

Parlatões encenam texto clássico de Oswald de Andrade

> Amanda Ribeiro

O agiota Abelardo 1º e toda a trupe de capitalistas inescrupulosos de "O Rei da Vela" ganham vida pelas mãos dos Parlatões a partir desta sexta (13), no Sesc Santana.

Montada pela primeira vez em 1967 pelo Teatro Oficina, a peça é baseada em texto escrito em 1933 por Oswald de Andrade.

A versão dos Parlatões, dirigida por Hugo Possolo, enfatiza o caráter satírico da obra, que ri da sociedade

dos anos 1930 ao apresentar um agiota (Possolo) que enriquece às custas dos endividados com a crise.

Ao longo da trama, os atores — caracterizados como palhaços — saem de seus personagens para interagir com o público. Haverá também um intérprete para o próprio Oswald, que atua como narrador.

Sesc Santana - Av. Luiz Dumont Villares, 579, Jardim São Paulo, tel. 2971-8700. 330 lugares. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 18h. Estreia 13/4. Até 6/5. Ingr.: R\$ 9 a R\$ 30. | ♻️ | ♿

UM OUTRO REI DA VELA

☺☺☺ Causou até espanto a notícia de que o ator Hugo Possolo, líder do grupo Parlapatões, dirigira uma nova versão da comédia **O Rei da Vela**. Consagrada pelo Teatro Oficina em 1967, a peça de Oswald de Andrade ganhou um festejado revival pelas mãos do mesmo Zé Celso Martinez Corrêa no fim do ano passado e ainda rende pano para mangas em temporadas pelo Brasil. A nova adaptação, no entanto, só vem para celebrar a diversidade do teatro e as múltiplas possibilidades de leitura para um grande texto. A trama do inescrupuloso empresário Abelardo 1º (representado por um impecável Possolo), que se aproveita da crise financeira do país para emprestar dinheiro à população com juros altíssimos, está intacta. A montagem, porém, insere na encenação elementos circenses e do teatro

grande picadeiro. A direção musical de Fernanda Maia, também no elenco na pele de Dona Poloca, contrasta sucessos de Gilberto Gil, Rita Lee, Anitta e até Marina Lima em uma habil costura. Por vezes, uma poluição de elementos toma conta da apresentação. Os atores, no entanto, pintam e bordam, muito a vontade. Entre os intérpretes, os destaques são Camila Turim, que dá vida a uma original Heloisa de Lesbos, Fernando Feccho, ótimo como um bipolar Toto Fruta do Conde, e Nando Bolognesi, transformado em um Oswald de Andrade que circula pelo tablado e dialoga com suas criaturas (85min). 14 anos. Estreou em 13/4/2018. Espaço Parlapatões. Praça Franklin Roosevelt, 158, Consolação. Sexta e sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 30,00 (sex.) e R\$ 40,00 (sab. e dom.). Até 15 de julho. A partir deste sábado (26).



Camila Turim
e Hugo Possolo:
versão festiva
do clássico

NOVIDADE INGLESA

O 22º Cultura Inglesa Festival abre a agenda teatral com o drama *Lampedusa*, de Anders Lustgarten, sobre a questão migratória na Europa. Luiz Fernando Marques dirige os atores Daniela Scarpari e Ronaldo Serruya. Teatro Cultura Inglesa. Rua Deputado Lacerda Franco, 333, Pinheiros. Quinta (3h) a sábado (2), 21h; domingo (3), 19h. Grátis.



Foto: Andre Steff

Grupo Parlapatões apresenta montagem de 'O Rei da Vela'

12.04.2018 18:29 | por Redação |  0

Espectáculo celebra trajetória da companhia e estreia no Sesc Santana

"O Rei da Vela", de Oswald de Andrade, ganha uma montagem especial dos Parlapatões, em comemoração aos 27 anos da companhia. Com adaptação de Hugo Possolo e direção musical de Fernanda Maia, o espetáculo estreia nesta sexta-feira (13), no Sesc Santana.

A encenação enfatiza o caráter burlesco e festivo da obra, mas adiciona influência das linguagens do teatro de revista, do circo e do teatro épico de Bertolt Brecht.

Narra a saga de Abelardo I (Hugo Possolo), um agiota inescrupuloso que ganhou muito dinheiro em vários segmentos, sobretudo vendendo velas em um país atrasado, onde a energia elétrica ficou tão cara que a população não tem condições de pagar por ela. Ao lado de seu empregado-pupilo Abelardo II, ele se aproveita da crise econômica para emprestar dinheiro, com juros altíssimos, para o povo faminto.

Abelardo I tem um casamento convenientemente negociado com Heloísa de Lesbos (personagem de Camila Turin), filha de uma família falida e tradicional de latifundiários do café. Submisso ao capital internacional, o protagonista está disposto a fazer qualquer tipo de negócio com os americanos, sem pensar nas consequências.

Como já é marca registrada dos Parlapatões, os atores saem de seus personagens para interagir com o público. Nando Bolognesi vive um narrador que representa o próprio Oswald e conduz a plateia pela poética do autor, deixando expostas algumas rubricas originais do texto e brincando com a narrativa.

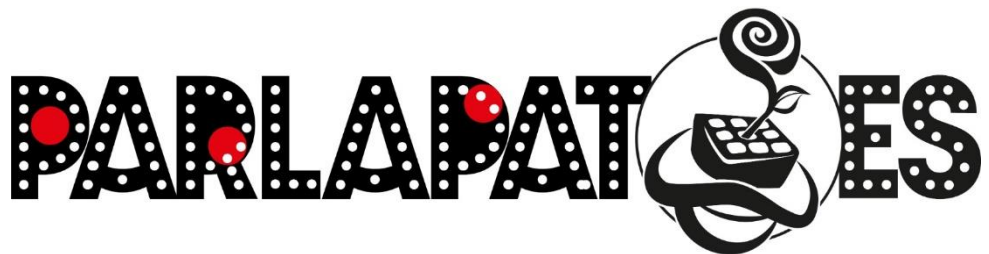
Sesc Santana

Tel. (11) 2971-8700

13 de abril a 6 de maio

sextas e sábados, 21h; e domingos, às 18h

R\$ 30



Contact:

Camila Turim
+55 11 98144 0952
contact@parlapatoes.com.br

Instagram: @parlapatoes

www.parlapatoes.com.br